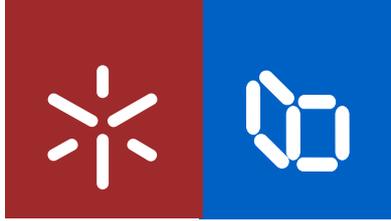




Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Marina da Silva Gonçalves

**O calão no Português Europeu:
tendências e utilizações**



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Marina da Silva Gonçalves

**O calão no Português Europeu:
tendências e utilizações**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Português Língua Não Materna
– Português Língua Estrangeira e Língua Segunda

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor José Sousa Teixeira

Declaração

Nome: Marina da Silva Gonçalves

Endereço eletrónico: marina_goncalves_92@hotmail.com

Número do bilhete de identidade: 14155853

Título da dissertação: O calão no Português Europeu: tendências e utilizações

Orientador: Professor Doutor José Sousa Teixeira

Ano de conclusão: 2016

Designação do mestrado: Mestrado em Português Língua Não Materna – Português
Língua Estrangeira e Língua Segunda

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Aos meus pais e ao meu irmão, por me apoiarem incondicionalmente ao longo do meu percurso escolar e acadêmico.

Aos meus amigos, pelo apoio, pela amizade, pelo incentivo e, acima de tudo, por me ajudarem nos momentos de maior vulnerabilidade.

Aos meus colegas de Mestrado, que sobretudo no primeiro ano me ajudaram a crescer enquanto estudante e pessoa.

Ao meu orientador, o Professor Doutor José Teixeira, pela sugestão do tema, confiança depositada e disponibilidade demonstrada.

E, no geral, a todos os que, de alguma forma, contribuíram para que este projeto se tornasse possível.

Resumo

O calão no Português Europeu: tendências e utilizações

São várias as línguas do mundo que possuem vocabulário calão. Longe de ser uma invenção dos tempos modernos, o calão continua a ser um assunto polémico e difícil de tratar mas não pode ser ignorado pelos Estudos da Linguagem.

Assunto tabu por natureza e objeto de estudo da Sociolinguística, o calão faz parte do dia a dia da língua e dos sujeitos falantes. O presente trabalho procurará perceber quais os principais conceitos que se encontram associados à noção de calão e, através das redes sociais e da comunicação social, procurará analisar de que forma alguns termos do calão surgem representados na escrita.

Por se acreditar haver, em Português, uma aceitação cada vez maior da utilização do calão na linguagem quotidiana, serão também objeto de análise duas obras de autores contemporâneos portugueses que contêm termos ou expressões de calão, assim como avaliar a relevância de introduzir o calão, enquanto registo linguístico, no ensino de Português Língua Não Materna, através de textos autênticos.

Para tal, será fulcral a análise dos dados resultantes de um inquérito distribuído tanto a alunos nativos, como a alunos estrangeiros aprendentes de Português.

Palavras-chave: calão, Sociolinguística, variação linguística, ensino de Português Língua Não Materna.

Abstract

Slang in European Portuguese: tendencies and uses

There are various the languages of the world that have slang vocabulary. Far from being an invention of modern times, slang remains a controversial subject and difficult to address but cannot be ignored by Language Studies.

Taboo subject by nature and Sociolinguistics study object, slang is part of everyday language and speaking subjects. This study will seek to understand what are the main concepts that are associated with the notion of slang and, through social networks and media, seek to examine how some slang terms appear represented in writing.

By believing there is, in Portuguese, a growing acceptance of the use of slang in everyday language, there will also be analyzed two books of contemporary Portuguese authors that contain terms or expressions of slang, and assess the relevance of introducing slang, as a linguistic register, in the teaching of Portuguese as a foreign language through authentic texts.

To achieve this, it will be crucial to analyze data from a survey distributed to both native and foreign students as learners of Portuguese.

Keywords: slang, sociolinguistics, linguistic variation, teaching of Portuguese as a foreign language.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract.....	vii
Índice	ix
Lista de siglas	xii
Lista de tabelas e gráficos.....	xiii
Introdução.....	1
Capítulo 1: Conceitos preliminares	3
1.1. Variação linguística: a língua em evolução	3
1.2. Variação diatópica, diastrática e diafásica	4
1.3. Preconceito linguístico e norma culta	6
1.4. Conceitos de calão e de gíria	8
1.4.1. Calão	11
1.4.1.1. Gíria	12
1.4.2. Os limites entre calão e palavrão	17
1.4.3. A carga semântica e o uso dos palavrões.....	19
1.4.4. Regionalismos e expressões idiomáticas	23
Capítulo 2: O calão nos dicionários	25
2.1. Dicionários de calão	25
2.1.1. <i>Dicionário de Calão</i> (1959).....	26
2.1.1.1. <i>Novo Dicionário de Calão</i> (2005)	27
2.1.1.2. <i>Dicionário de calão</i> (2010).....	28
2.1.2. Dicionário de calão do Porto	29

Capítulo 3: O calão na forma escrita	31
3.1. Representação escrita do calão	31
3.1.1. Redes sociais e outras plataformas	32
3.1.1.1. Representação do calão por extenso e reforço de palavra	34
3.1.1.2. Representação do calão com asteriscos e caracteres	35
3.1.1.3. Uso de iniciais de palavra VS. uma sílaba	36
3.1.1.4. Disfarce por paronímia fónica e gráfica VS. palavra quase na totalidade	37
3.1.2. Caixa de comentários – Vídeos de música	38
3.1.3 Blogues	39
3.1.4. Comunicação social na <i>Internet</i>	40
3.1.5 Em obras literárias	43
 Capítulo 4: O conhecimento do calão pelos falantes	 49
4.1. Objetivos do estudo	49
4.1.1. Metodologia	49
4.2. Caracterização dos grupos	50
4.2.1. Falantes de português como língua materna	52
4.2.2. Falantes aprendentes de Português língua não materna	55
4.3. Fatores extralinguísticos	59
 Capítulo 5: A presença do calão em aulas de PLNM	 61
5.1. Ensino e níveis comuns de referência	61
5.1.1. Competência sociolinguística da língua e calão	63
5.2. Textos autênticos	65
5.2.1. Materiais autênticos selecionados	66
5.2.1.1. Música	67
5.2.1.2. Cinema	69

Considerações finais	73
Bibliografia	77
Anexos	83
Anexo 1- Conto <i>Baby Dopada</i>	84
Anexo 2- Texto dos comentários recolhidos na íntegra	87
Anexo 3- Inquérito alunos nativos	96
Anexo 4- Inquérito alunos estrangeiros	98
Anexo 5- Total idade – nativos	100
Anexo 6- Total idade – estrangeiros	101

Lista de siglas

LM – Língua Materna

PLNM – Português Língua Não Materna

LE – Língua Estrangeira

PE – Português Europeu

QECR – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

DT – Dicionário Terminológico

Lista de tabelas e gráficos

Tabela 1: Caracterização da LM	50
Tabela 2: Anos de estudo de Português	51
Tabela 3: Tempo em que vivem em Portugal	51
Tabela 4: Nativos – Palavras avaliadas	52
Tabela 5: Estrangeiros – Conhecimento das palavras	55
Tabela 6: Estrangeiros – Palavras avaliadas	56
Gráfico 1: Resultados obtidos: Nativos – Palavras avaliadas.....	53
Gráfico 2: Resultados obtidos: Estrangeiros – Conhecimento das palavras	56
Gráfico 3: Resultados obtidos: Estrangeiros – Palavras avaliadas	57

Introdução

Diariamente entramos em contacto com inúmeras pessoas, de variadas formas, com objetivos e necessidades diferentes, em contextos diversos. Optamos não só pelas formas que queremos usar, mas também pelo modo como o podemos fazer, pois possuímos autonomia para tal, ainda que a nossa escolha possa não recair sobre a norma padrão da língua. Tal como outras variações, o calão é fruto de uma evolução linguística que se tem vindo a alterar ao longo dos anos ou não fosse a mudança linguística um símbolo da mudança dos tempos.

Neste contexto, torna-se imprescindível acompanhar estas evoluções e estudá-las de forma a verificar a sua relevância nos Estudos da Linguagem, principalmente se o tema em questão, como é o caso, apresentar um défice de estudos na área. Assim, este trabalho pretende dar resposta a várias questões baseadas em objetivos previamente estipulados que recaem, grosso modo; na distinção entre os conceitos de calão e outras noções associadas; na forma como o calão é representado, na componente escrita, em vários domínios; num estudo com base num inquérito sobre algumas palavras do calão do Português Europeu (PE) para avaliar a viabilidade de uma eventual inserção do mesmo em aulas de Português Língua Não Materna (PLNM).

O presente trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos. O Capítulo 1 funcionará, inicialmente, como mote para o lançamento do tema, pois tratará de questões mais teóricas ao nível da língua, da norma e da sua variação e, numa segunda fase, das possíveis definições de calão, gíria, palavrão etc. O capítulo 2, e já dentro do tema central, será dedicado aos dicionários de calão consultados e à variedade de termos e expressões do calão que os mesmos apresentam.

Quanto ao terceiro capítulo, aborda a forma como o calão surge e é representado, na escrita, nas redes sociais e outras plataformas interativas, na comunicação social e em duas obras contemporâneas portuguesas. O capítulo 4 dirá respeito a um estudo assente num inquérito distribuído a dois grupos de alunos, distintos no que toca à língua materna, incidindo sobre algumas palavras e/ou expressões do calão com o objetivo de perceber qual o (re)conhecimento que os alunos têm desses termos.

Por fim, com base no capítulo anterior, surge, no capítulo 5, uma proposta de inclusão do estudo do calão em aulas de PLNM, atendendo a vários parâmetros como o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QEQR), as competências do falante e a escolha adequada de materiais autênticos.

Obviamente que não tenciono tomar nenhuma posição moral perante o objeto do estudo, isto é, não pretendo fazer uma apologia ao uso do calão, tampouco rejeitá-lo, mas contribuir para o seu estudo enquanto área da Sociolinguística.

Capítulo 1: Conceitos preliminares

1.1. Variação linguística: a língua em evolução

Enquanto fenómeno social, a língua é um instrumento de comunicação, um processo variável e intrinsecamente heterogéneo. É, ainda, uma entidade passível de mudança pois renova-se e transforma-se no decorrer do tempo. Não é uma “coisa feita” (Coseriu, 1982:21) uma vez que se encontra em constante evolução e o calão, tema central deste estudo, é um dos resultados dessa evolução – tanto linguística como social –, integrando-se gradualmente na linguagem do quotidiano. Contudo, as outras mudanças e adaptações que as línguas sofrem acontecem, ainda assim, de forma mais lenta do que aquelas que ocorrem com o calão.

Para além disso, a língua nunca é falada da mesma forma nem de uma só maneira por parte dos seus usuários, variando conforme diversos fatores: possuímos liberdade, enquanto sujeitos falantes, para escolher um tipo de linguagem (seja no registo oral ou no plano escrito), com maior ou menor grau de formalidade de acordo com as nossas necessidades: num ambiente íntimo, com amigos ou familiares ou numa situação mais formal, uma entrevista de emprego, por exemplo.

A propósito, Herculano de Carvalho sublinha que

“O mesmo indivíduo exprime-se de forma diversa quando está em família ou entre íntimos; num encontro profissional ou numa reunião de sociedade, onde a etiqueta lhe exige uma forma de comportamento mais vigiada, na qual todos os movimentos, gestos e palavras devem ser medidos; numa conversa descontraída sobre o tempo e os desportos ou numa conferência sobre literatura ou política ou filosofia; conforme se dirige a um superior, a um igual ou a um subordinado, perante os quais, guardando sempre a mais perfeita cortesia, é apenas de tudo variável o seu modo de comportar-se; etc.” (Carvalho, 1973:301).

Portanto, e apesar de não termos conhecimento de todas as variedades que compõe a nossa língua materna (LM), é lícito afirmar que não a usamos de forma uniforme, antes a adaptamos às circunstâncias, aos contextos e às pessoas com quem estabelecemos contacto. Isto acontece porque o sistema linguístico é flexível – nenhuma língua permanece estática, variando no espaço e transformando-se no tempo –, e por vezes fazemos uso de variações para comunicarmos uns com os outros. De acordo com

o *Dicionário Terminológico* (DT)¹, que surgiu em substituição da TLEBS – Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário (2004), *variação* é a “propriedade que as línguas têm de se diferenciarem em função da geografia, da sociedade e do tempo, dando origem a variantes e variedades linguísticas”.

No entanto, a variação pode verificar-se igualmente a nível fonético e fonológico, morfológico, sintático, semântico e, por fim, lexical.

1.2. Variação diatópica, diastrática e diafásica

No que toca à variação linguística que pode sofrer influências de fatores extralinguísticos, Cunha e Cintra apresentam três tipos de diferenças internas:

- “Diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais)
- Diferenças entre as camadas socioculturais ou VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS (nível culto, língua padrão, nível popular etc)
- Diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS² (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem do homens, linguagem das mulheres etc)” (Cunha e Cintra,1987:3)

Estas três variáveis podem influenciar o nosso ato de comunicar: retomando o que foi exposto, a variação *diatópica* também conhecida como *regional* ou *geográfica*, prende-se com o lugar onde se estabelece comunicação, isto é a região ou a distância geográfica que separa os falantes e os vários modos de falar uma mesma língua, a nível da pronúncia ou da escolha por determinada palavra, bem como da atribuição do seu significado.

A variação *diastrática*, que se refere aos vários usos por grupos sociais diferentes, é uma variação social e, deste modo, liga-se ao estrato social do falante e ao ambiente em que o ato linguístico se desenvolve.

Finalmente, a variação *diafásica* diz respeito à adequação linguística – às escolhas lexicais – por parte de um falante em relação ao contexto (situação ou circunstância) em que se encontra: num ambiente formal ou informal, bem como familiar ou profissional.

¹ Disponível em: <http://turmadofrancisco.ccems.pt/Documentos/Docentes/Dicionario%20Terminologico.pdf>

² Maiúsculas usadas pelos autores.

A forma como nos expressamos em casa, com a família, é diferente da forma como interagimos com um professor, na sala de aula, ou no trabalho, com o patrão, pois o “papel social” que cada um de nós desempenha vai-se transformando de acordo com a situação de comunicação.

A esta adequação linguística dá-se o nome de *registo* ou *nível de língua*. Portanto, diariamente fazemos vários usos da língua alternando entre os registos (corrente, cuidado, familiar, popular, literários etc), adaptando-os não só à situação mas também ao grau de proximidade entre os interlocutores e ao tipo de mensagem transmitida.

Para Herculano de Carvalho (1973), o principal fator da diversidade prende-se com questões de natureza social, pois “o indivíduo aprende a falar no seu meio – na família e, mais latamente, na sua ‘classe’ ou ambiente social – caracterizado por costumes, normas e convenções, isto é, por padrões culturais e portanto linguísticos diferentes dos que regem os indivíduos pertencentes a outro meio social.” (Carvalho, 1973:299).

O que não invalida o facto de que, ao longo da sua vida, e entrando em contacto com outros meios diferentes, o mesmo indivíduo seja influenciado e altere a sua forma de estar, falar, comunicar, escrever, etc.

Ao nível da variação diastrática e diafásica insere-se o calão, uma vez que tradicionalmente se associa o uso deste tipo de linguagem a falantes maioritariamente do sexo masculino provenientes de meios desfavorecidos, com pouco prestígio social e com baixo nível de escolarização/instrução. Talvez seja um pré-julgamento sem razão de ser, pois creio ser um registo transversal a todos os géneros e classes e não exclusivo das menos cultas, sendo da competência de cada falante optar ou não por empregar este tipo de linguagem.

A nível situacional, o calão é usado habitualmente em ocasiões com muito baixo grau de formalidade, o que não implica que possa ser usado em outras situações. Sem dúvida que o calão se integra nos registos caracterizados pelo uso de um vocabulário simples com pouca exigência lexical e sintática, contrariamente a outros registos, como o cuidado e literário, que requerem um maior cuidado linguístico.

1.3. Preconceito linguístico e norma culta

A variação linguística, apesar de ser uma realidade universal, é um fenómeno que pode ser visto como implicando algum preconceito porque, por um lado, estamos constantemente sujeitos à avaliação do “outro”, do que é considerado certo ou errado e, por outro, há um certo afastamento do modelo considerado padrão. Portanto, o preconceito linguístico é também um preconceito social.

Segundo Bagno (2007), o preconceito linguístico é “alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é ‘certo’ e o que é ‘errado’, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.” (Bagno, 2007:13).

Com efeito, tanto a escola como os meios de comunicação social são responsáveis por enaltecerem e influenciarem o uso da norma padrão opondo-se, desta forma, à variação.

A ideia de que existe uma norma superior a outra, de que algumas formas linguísticas são superiores ou de que há uma variante “certa” e outra “errada” é resultado de um pré-julgamento influenciado pelo senso comum. O preconceito acontece porque há o estigma de um único modelo (padrão) de “perfeição” ou “correto” enquanto realidade social e linguística. Ou seja, todos os outros modelos que se afastarem ou desviarem da norma são considerados “errados” ou, pelo menos, “menos corretos” de usar. Mira Mateus afirma que

“Um dos problemas que mais ocupa e preocupa os falantes é o de conhecer o que é correcto ou incorrecto no uso da língua, de saber onde se fala correctamente e que formas linguísticas devem servir de modelo. Este conceito é muitas vezes mal entendido embora, evidentemente, a norma linguística tenha um papel social que deve ser tomado em atenção.” (Mateus, 2005:13)

Porém, a norma padrão, apesar de ser responsável por criar unidade na diversidade de uma língua, não é linguisticamente superior em relação às outras normas linguísticas existentes: simplesmente atua como modelo de comunicação, idealização e identificação de uma sociedade, por ser considerada a mais prestigiada socialmente por razões sociais, políticas, económicas, culturais, estéticas, etc e por ser regida pela gramática normativa cuja escola utiliza. Assim, a língua padrão é apenas mais uma das

muitas variedades que compõe a língua, mas a sua existência é fundamental e “necessária como referência da produção linguística e como garante da aceitabilidade de um certo comportamento no contexto sociocultural em que estamos inseridos. Como em qualquer campo da actuação humana, a norma tem justificações sociopolíticas e históricas, de carácter pedagógico e comunicativo. É, em certas circunstâncias, um factor de identificação linguística e cultural, e de solidariedade social.”³

Ou seja, a norma foi estabelecida por uma sociedade na qualidade de “modelo” de comunicação e enquanto um conjunto de regras a seguir, tanto na oralidade como na escrita.

Também o calão se afasta da norma padrão da língua. Enquanto área da Sociolinguística – ciência que estuda as relações entre língua e sociedade –, o calão embora exista desde que se conhece as línguas, é fruto de uma evolução dos tempos e, embora polémico, não pode ser menosprezado pelos estudos da linguagem, ainda que seja um assunto tabu na variante normativa e nos estudos linguísticos tradicionais, talvez por ser um tema ainda com pouco destaque (pelo menos em Portugal) ou por não ser olhado com a devida seriedade.

Contudo, crê-se haver, atualmente, uma aceitação cada vez maior em relação ao tema do calão ou mesmo da sua utilização na linguagem quotidiana, em comparação ao que acontecia há alguns anos atrás. Um desses exemplos é o surgimento de vários dicionários de calão, sobretudo do linguajar Portuense, que reúnem palavras e expressões típicas dos habitantes da cidade do Porto – não só regionalismos mas também outras mais comuns – compiladas em dicionários, não apenas para leitores portugueses mas, mais recentemente, traduzidas para língua inglesa como é o caso do Dicionário de PORTOguês-Inglês⁴ (2015). De facto, é cada vez maior o interesse e a curiosidade por temas como o calão ou expressões típicas do nosso país, sobretudo por representarem parte do nosso património cultural e linguístico.

Na opinião de Preti “o fenómeno da banalização lexical dos vocábulos técnicos referentes ao sexo, o uso abusivo do “palavrão” e dos termos obscenos constituem eloquentes indícios das transformações sociais e morais de nossa época.” (Preti, 1984:30).

Isto acontece sobretudo porque, conforme Mira Mateus

³ Consulte-se: http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo1_2.html

⁴ Artigo do P3 Público (2015, Julho 23), disponível em: <http://p3.publico.pt/cultura/livros/17583/dicionario-de-calao-do-porto-ensina-nos-dizer-quotboa-como-o-milhoquot-em-ingle>

“A nossa língua muda como mudam os nossos conceitos de vida, a nossa forma de estar, a arquitectura, a moda, o pensamento filosófico e científico e até a própria natureza. Por vezes tudo muda lentamente sem que, durante a vida inteira nos apercebamos disso”. (Mateus, 2002:01)

Muda connosco, ao longo do tempo, acompanhando as mudanças sociais e acima de tudo, muda porque nunca está definitivamente acabada. Surge, desta forma, uma necessidade de inovar ou criar palavras novas (neologismos) e a linguagem calão poderá ser um dos resultados dessas criações ao longo do tempo.

1.4. Conceito de calão e gíria

Considerados muitas vezes como um só conceito, tanto o calão como a gíria são frequentemente alvo de dúvidas no que toca à sua distinção e definição. Pesquisar e trabalhar sobre estas duas noções não foi tarefa fácil, principalmente porque as opiniões são, na maioria das vezes, bastante distintas.

Assim, e dado ser um dos objetivos deste estudo, será importante verificar quais as principais semelhanças e diferenças entre estes dois termos na literatura sobre o assunto.

Debruçando-se sobre esta temática na sua obra *Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão* (1892), Adolfo Coelho refere que

“Calão, gira, gíria ou geringonça são os ternos com que em português se designa o vocabulário especial dos criminosos de profissão, fadistas, contrabandistas, garotos e outra gente de hábitos duvidosos, que por aquele meio buscam não ser entendidos da sociedade geral. Por extensão dão-se ainda aqueles mesmos nomes à terminologia especial de uma classe, de uma profissão lícita, e sobretudo ao conjunto de termos particulares, muitas vezes de carácter cómico, que usam certos grupos sociais, como os estudantes, os atores, os pintores, os pedreiros, os tipógrafos, os soldados.” (Coelho, 1892:55).

Encontramos igualmente uma pequena alusão ao calão e à gíria na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2003). Segundo Rocha Lima,

“Calão é a língua especial das classes que vivem à margem da sociedade, de carácter acentuadamente esotérico, artificialmente ‘fabricada’ – diz Dauzat – para se poderem compreender entre si os indivíduos de certo grupo, sem serem entendidos pelos não-iniciados.

Inspirada na dissimulação dos malfeitores, cria um conjunto de convenções que a estremam da língua-comum a que pertence, posto que nesta se desenvolva e emaranhe.

Estão neste caso o argot dos franceses; a germanía dos espanhóis; o furbesco dos italianos; o cant dos ingleses; o slang dos americanos; o rotwelsch dos alemães; o dieventael dos holandeses; o afinskoe dos russos, etc.

Para o linguista, pois, calão é a língua especial dos delinquentes portugueses e brasileiros. Como a fala das mais baixas camadas sociais, por exprimir a vida desses grupos, é naturalmente disfémica, a palavra adquiriu a acepção vulgar de uso de termos chulos, gravosos, pouco limpos.

Gíria é a língua especial de uma profissão ou ofício, de um grupo socialmente organizado, quando implica, por sua vez, educação idiomática deficiente.” (Lima, 2003:6-7).

Partindo desta definição, é possível perceber que o *calão*, enquanto conceito genérico, estende-se a outras línguas e países, possuindo significados equivalentes no francês, espanhol, italiano, no inglês britânico e americano, alemão, holandês e russo, entre outros. Já a *gíria*, destina-se a ser usada por grupos muito restritos e organizados socialmente.

Herculano de Carvalho na sua obra *Teoria da Linguagem: natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas* (1973) dedica um pequeno capítulo à “Linguagem comum e linguagens especiais”, fazendo referência à *gíria* e ao *calão*:

“Outra categoria de linguagem especial é constituída pelas *gírias*, que incluem o *calão*. Estas são próprias de grupos sociais unidos também pela actividade idêntica dos seus membros, mas distinguem-se em princípio das linguagens técnicas por serem outras as suas motivações: a necessidade de segredo (essencial para algumas formas de *gíria*, mas secundária ou mesmo inexistente noutras), a necessidade expressiva e a da afirmação do espírito de corpo.”

“Na sua forma mais típica, a *gíria* é o *calão* – a *gíria* dos malfeitores, dos ciganos e dos contrabandistas; mas é também a dos pedreiros e de outros profissionais que, em certas regiões, se transferem de um lado para outro oferecendo os seus serviços ou as suas mercadorias.” (Carvalho, 1973:339-340).

Também Dino Preti, um dos grandes responsáveis pelo estudo da *gíria* no Brasil, ainda que bastante controverso, afirma na sua obra *A gíria e outros temas* (1984):

“Caracterizada como um vocabulário especial, a *gíria* surge como um signo de grupo, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja a *gíria* dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou de grupos ou profissões).

E quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem *gíria* servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de auto-afirmação”. (Preti, 1984:03)

Na obra *Sociolinguística: uma introdução* (1987), Sílvio Elia faz uma pequena distinção entre calão e gíria afirmando que

“A linguagem dos grupos que se formam dentro da sociedade (ou à sua margem), em virtude de objetivos comuns, permanentes ou transitórios, chama-se gíria. Pode ser a gíria dos estudantes, da juventude, dos malfeitores.

O português calão se emprega para caracterizar a linguagem grosseira, recheada de termos obscenos, linguagem de arrieiros, como se dizia antigamente. Não se trata, porém, de linguagem secreta; ao contrário, o calão é geralmente conhecido pelos membros de qualquer camada da sociedade, mas evitado em meios e momentos em que a boa educação o repele. É, pois, um *tabu* social.” (Elia, 1987:72).

Desta forma, vemos que a distinção entre calão e gíria não é, de todo, consensual. Por vezes, o calão é visto como sendo parte integrante da gíria; outros veem a gíria como uma língua destinada a uma arte, profissão ou ofício mas, acima de tudo, o calão é quase sempre caracterizado, talvez preconceituosamente, como uma linguagem “pouco elegante” pertencente a camadas sociais desfavorecidas ou “baixas” constituindo um “*tabu* social”. No entanto, para Steven Pinker “as palavras e os conceitos considerados tabus podem variar um pouco de acordo com a época e o lugar” (Pinker, 2008:373), ou seja, termos que outrora eram considerados tabu, hoje podem deixar de o ser.

Penso que, os limites que separam estes dois conceitos, dificilmente se tornarão incontestáveis. Contudo, e na minha opinião, calão e gíria são bastante diferentes quanto ao seu vocabulário: isto é, considero o calão integrado na linguagem que usamos, por vezes, com maior intensidade na oralidade e sobretudo em contextos informais. De forma livre e descontraída, são também palavras do quotidiano, que fazem com que a língua permaneça viva, fresca, atual e se sinta útil. Julgo não serem, todavia, apenas palavras “feias” ou “baixas” que entram neste domínio, nem tão pouco o seu uso se limita a delinquentes, vadios, marginais etc como vimos. De acordo com o Dictionary of Contemporary Slang (2007), “Slang is language deliberately selected for its striking informality and is consciously used in preference to ‘proper’ speech (or, more rarely, writing).” (Thorne, 2007:7⁵).

Na verdade, são termos que fazem parte, em maior ou menor número, de todas as classes sociais e, neste sentido, as definições que constam nos dicionários de língua, como veremos de seguida, revelam, na sua maioria, um certo nível de preconceito ou desconhecimento ou, ainda, podemos considerar que a definição de calão sofreu

⁵ Diz respeito à página consultada na Internet, cuja paginação não é a mesma do dicionário impresso.

alterações ao longo dos anos, evoluindo não só o seu significado mas também muitas das palavras que entram no seu domínio.

Em relação à gíria, julgo ser usada por grupos muito específicos e o seu léxico bastante diferente quando comparado com o calão pois não tem conotação proibitiva.

Vejamos então, nos próximos pontos (cf. 1.4.1 e 1.4.1.1) quais as definições que constam sobre estes dois termos em vários dicionários de língua.

1.4.1. Calão

Começando por ordem cronológica, para o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1991) de José Pedro Machado, *calão* é uma “linguagem especial usada por vadios, larápios, ciganos. || Linguagem peculiar a certas classes || boémio; gíria”, uma vez mais caracterizada como “a gíria dos ciganos”, de origem caló.

Nas palavras de Cândido de Figueiredo, no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1996), *calão* tem origem no castelhano *caló* e é um “nível de língua usado em determinadas situações de comunicação”. Numa segunda aceção surge como sinónimo de “boémia” e, por fim, numa terceira aceção consta como sinónimo de “gíria”. Aqui, introduz-se a noção de nível/registo de língua, bem como a questão da variação situacional, ou seja, em que o calão é usado apenas em certas situações.

Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Costa e Sampaio e Melo (1998), *calão* é uma “linguagem especial usada pelos fadistas, vadios, ciganos etc; gíria (...)”, com origem etimológica no espanhol cigano *caló*.

De acordo com o *Dicionário da Academia* (2001), *calão* é novamente definido como uma “linguagem especial, usada por grupos marginais, por criminosos, reclusos..., caracterizada pelo uso frequente de termos grosseiros e obscenos; gíria de marginais.” Faz ainda parte da definição o seguinte: “Conjunto de vocábulos e expressões destes grupos, utilizado, pela sua expressividade, por pessoas de outros meios; Linguagem especial, própria de um grupo profissional ou social, ou de um meio fechado -- Gíria. Calão dos médicos. Calão dos jornalistas.”

Quanto ao *Dicionário Verbo: língua portuguesa* (2006), *calão*, enquanto adjetivo, apresenta-se como “que ou a pessoa que não gosta de trabalhar e é indolente, preguiçoso, mandrião.” Numa segunda entrada, enquanto nome, “linguagem especial usada por grupos socialmente fechados ou marginais”; “Conjunto de vocábulos e expressões originários desses grupos, por vezes grosseiros ou obscenos e que, pela sua

expressividade, são adoptados por outros falantes”. E ainda “linguagem especializada própria de um grupo profissional, gíria. O ~ dos jornalistas.”

Por fim e um pouco diferente é a definição que consta em *Houaiss: dicionário do português atual* (2011). *Calão*, numa terceira entrada do dicionário, é descrito como um “linguajar rude, grosseiro; geringonça, gíria; 2. pej. Fala ou vocabulário próprio de um grupo determinado de pessoas.

x. baixo c. Linguajar ou vocabulário extremamente vulgar, grosseiro ou obsceno”.

Consultando o *Dicionário da Língua Portuguesa*⁶, *calão* é definido como:

1. Linguagem criada por um grupo particular e posteriormente integrada no conhecimento geral
2. Nível de língua de carácter expressivo, humorístico, transgressor ou ofensivo, usado em situações informais de comunicação.
3. *Popular* indivíduo preguiçoso ou mandrião

1.4.1.1. Gíria

Muitas vezes confundida com o conceito de *calão* ou mesmo sinónimo dele, como foi possível ver, surge a *gíria*. Será igualmente importante verificar o que consta nos dicionários acerca deste conceito, uma vez que, como já vimos, os limites que separam os dois termos não são claros.

O *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1991) de José Pedro Machado diz-nos que a *gíria* é uma “linguagem de malandros, gatunos, ciganos, fadistas, etc, com a qual evitam ser compreendidos por outras pessoas, germânia, calão. Ext: má linguagem. Linguagem peculiar aos que exercem uma profissão ou arte. (...)”.

Segundo Cândido de Figueiredo, no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1996), a *gíria* é caracterizada como “linguagem específica utilizada por um determinado grupo social ou profissional: gíria médica, gíria académica. | Pop. Esperteza, astúcia.

No *Dicionário da Língua Portuguesa* de Costa e Sampaio e Melo (1998), a *gíria* surge como uma “linguagem de fadistas, gatunos, etc. calão; (pop) astúcia; esperteza.”

⁶ Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cal%C3%A3o>

Para o *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa* (2001), a *gíria* é novamente uma “linguagem verbal peculiar que é usada por uma comunidade restrita de pessoas ou por determinados grupos sociais, permitindo-lhes comunicarem entre si sem serem entendidos pelos outros. Gírias sociais. Gíria académica, médica, forense... mas também “qualquer palavra ou expressão dessa linguagem verbal (...)”. Quanto à etimologia: “de origem obscura”.

No *Dicionário Verbo: língua portuguesa* (2006), *gíria* consta como “Linguagem de gatunos, de marginais que procuram não ser compreendidos por outras pessoas. 2. Linguagem usada por determinados grupos socio-profissionais. ~estudantil, ~médica. 3. Calão.”

Finalmente, em *Houaiss: dicionário do português atual* (2011) a definição é, provavelmente, a mais extensa e completa de todas. Assim, *gíria* é descrita como “linguagem informal caracterizada por um vocabulário rico em idiomatismos metafóricos, jocosos, elípticos, ágeis e mais efémeros que os da língua tradicional. 2. dialeto us. por determinado grupo social que procura destacar-se através de características particulares e marcas linguísticas esp a nível lexical -> cf. Dialeto, jargão. 3. linguagem de marginais que, não sendo exatamente compreendida por outras classes sociais, costuma funcionar como mecanismo de coesão tribal e como código interativo entre tais grupos. 3.1. linguajar rude, calão. 4. linguagem própria daqueles que desempenham a mesma arte ou profissão; jargão. 5. Palavra ou expressão de gíria. 6. Repertório rico em gírias. 7. Infrm. Habilidade para enganar, obter vantagens; esperteza, astúcia.”

No *Dicionário da Língua Portuguesa*⁷, *gíria* é vista como:

1. Linguagem específica utilizada por elementos de setores profissionais (*gíria* jornalística) ou sociais (*gíria* académica).
2. Linguagem codificada de determinados grupos, usada com a intenção de impedir a sua compreensão por parte de elementos exteriores a esses grupos.

Quanto à sua origem, é obscura.

Desta forma, é notória a dificuldade em delimitar os dois conceitos, pois as definições trazidas pelos dicionários supracitados são pouco diferenciadoras. Em relação à noção de *calão*, predomina o seguinte:

⁷ Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/g%C3%ADria>

- Linguagem especial ou linguagem peculiar, falada ou usada por vadios, larápios, fadistas, ciganos ou grupos marginais.

- Linguagem ou linguajar rude, vulgar, grosseiro e obsceno, muitas vezes entendido como sinónimo de gíria.

- Nível de língua (ainda que pouco abordado) usado por grupos de pessoas ou classes.

Quanto à *gíria*, o resumo pode ser o seguinte:

- Linguagem de fadistas, gatunos, malandros, etc

- Usada por grupos sociais ou profissionais que exercem determinada arte/função/profissão e que não querem ser compreendidos pelos demais.

- Sinónimo de calão e de jargão.

Não tendo conhecimento do termo *jargão*, consultei a sua definição no *Dicionário da Língua Portuguesa*⁸. Provém do francês *jargon* e é uma “linguagem adulterada ou incompreensível”; linguagem específica e codificada, também ela utilizada por setores profissionais ou grupos sociais. Portanto, penso que será simplesmente um sinónimo de *gíria*.

Posto isto, vemos que tanto o calão como a gíria estão diretamente interligados ainda que indiquem realidades diferentes. Segundo Tony Thorne no *Dictionary of Contemporary Slang* (2007), é difícil, para os falantes, definirem *calão*:

“Ask users of slang for a definition and they might come up with: ‘jargon, used playfully to prevent outsiders from intercepting the actual meaning’; ‘the ever-evolving bastardisation of the written and spoken language as a result of social and cultural idolization [sic] of uneducated, unintelligable [sic] celebrities’ and ‘cool words, words that match the style’ (all of these are from the Urban Dictionary website). One teenager I interviewed defined it simply as ‘our language’.” (Thorne, 2007:8⁹)

Porém, as definições apontadas pelos dicionários acima descritos, principalmente em relação ao *calão*, parecem ter ido ao encontro da sua história ligada ao Fado que, inicialmente, era

⁸ Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/jarg%C3%A3o>

⁹ Diz respeito à página consultada na Internet, cuja paginação não é a mesma do dicionário impresso.

“associado a contextos sociais pautados pela marginalidade e transgressão, em ambientes frequentados por prostitutas, *faias*, marujos, boleeiros e marialvas. Muitas vezes surpreendidos na prisão, os seus actores, os cantadores, são descritos na figura do *faia*, tipo fadista, rufião de voz áspera e roufenha, ostentando tatuagens, hábil no manejo da navalha de ponta e mola, recorrendo à gíria e ao calão”.¹⁰

Portanto, parece-me lícito afirmar que muitos dicionários de língua se basearam nas raízes do Fado para definirem o conceito de *calão* enquanto seu associado, apesar de ter ganhado novos significados com o decorrer do tempo.

No que toca à etimologia da palavra *calão*, parece não haver dúvidas: do castelhano *caló*, é a “linguagem dos ciganos”. Segundo o *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* (1992), *calão* é a “adaptação do cast. *caló*, deriv. do cigano *caló* ‘cigano’.”

O mesmo não acontece com a palavra *gíria*, pois não há certezas quanto ao seu étimo.

Nas notas introdutórias do *Dicionário de Calão* (2010), Eduardo Nobre questiona: “Terá o *germania* evoluído para *gíria*? Ou que raiz deste último está com o *jargon* francês ou o *jeringonza* espanhol?” (Nobre, 2010:9).

Por outro lado, o *calão* é visto, na sua maioria, como uma linguagem menos codificada e mais “baixa” do que a *gíria* que, por seu lado, aparenta ser destinada a grupos sociais e profissionais mais restritos que não querem ser compreendidos por elementos externos ao grupo. Como por exemplo: a *gíria* dos médicos, dos marinheiros e pescadores, a *gíria* do desporto, etc.

A propósito, é possível constatar em *Subsídios da gíria: falares que no mar se entendem* (2013) o seguinte: “Como é sabido qualquer grupo profissional é detentor de um conjunto de expressões específicas, a *gíria*, que no geral é quase que totalmente inacessível a todos aqueles que não integram o grupo (...)”.(Gomes, 2013:06).

Assim, definiria *calão* como uma linguagem ou um nível de língua usado tanto na oralidade como na escrita, maioritariamente em contextos de menor formalidade, por falantes de diversos estratos sociais. Para Karl Sornig em *Lexical Innovation : A Study of Slang, Colloquialisms, and Casual Speech* (1981), “Slang is a language variant open to be used by anybody who might choose it as a specific stylistic variant.” (Sornig, 1981:61-62). Portanto, qualquer falante pode fazer uso do *calão*, enquanto variação linguística, se assim o entender.

¹⁰ Disponível em: <http://www.museudofado.pt/gca/?id=17>

Contudo, é igualmente importante falar em níveis ou grau/escalas de calão. Isto é, embora determinado termo possa ser considerado calão, existem diferenças a considerar pois nem todos possuem a mesma carga semântica e emotiva. Segundo Orsi & Zavaglia, é possível pensar que

“há uma gradação obscena em alguns itens léxicos, sendo uns mais fortes do que outros. (...)

Se tomarmos o órgão sexual masculino como exemplo, teríamos “pênis” como a unidade mais neutra e oficial, que poderia ser adotada em qualquer contexto e com qualquer interlocutor.

“Pintinho”, por outro lado, seria o item mais eufêmico, usado em situações que exigiriam maior pudor e recato linguístico. No entanto, “pau” poderia ser classificado como o mais erótico-obsceno e cuja adoção padeceria de tabu e escrúpulos. O mesmo se percebe com: “pombinha”, “vulva” e “buceta”, que de forma branda e eufemística ajusta-se à nomeação da genitália feminina e “rosquinha”, “ânus” e “cu” para designar o ânus.” (Orsi & Zavaglia, 2012:160).

No caso do PE e usando o primeiro exemplo, teríamos “pênis” como a palavra mais neutra, “pila” ou “pilhinha” como uma unidade mais eufêmica e, por fim, “piroca” ou “gaita” como os termos mais fortes e tabuizados.

Portanto, há palavras ou expressões do calão que podem ser classificadas como “mais fortes” e “menos fortes”; logo, umas são mais tabus do que outras e provocam, no leitor ou no ouvinte, diversas reações. A este respeito, Bueno & Orsi dizem o seguinte:

“Hoje, quando falamos em tabu, imaginamos assuntos ou atos que não podem ser discutidos por incomodarem a maioria das pessoas, por gerarem dúvida e certo medo nas pessoas. É por isso que palavrões são palavras tabuizadas. Eles têm o poder de expressar emoções e desejos humanos, como: sexo, raiva, frustração etc.

(...)

O tabu é um certo tipo de regra que se cria em volta de uma sociedade, podendo chegar a vários níveis, desde a língua, atitudes, crenças, até hábitos e situações tabus.” (Bueno & Orsi, 2014:6)

Da escala de palavras e expressões do calão mais fortes, considere: *filho da puta, puta que pariu, puta, foda-se, caralho, foder, fodido, cona, crica, colhões, gaita, grelo, piroca, pau, pinar, pinanço, pito, rata, cabra/cabrão, peida, mamada, broche, cagar, mangalho, tetas e minete.*

Por sua vez, da escala de palavras e expressões do calão menos fortes, considere: *chulo, pechota, tesão, fixe, merda, pila, gajo/a, porra, mamas /maminhas, pachacha, bico, boa, boazona e bobó.* Dentro desta escala, considero importante incluir algumas

palavras alteradas paronimamente, isto é, palavras muito parecidas na forma cujo significado se altera, como é o caso de *fosga-se*, *carago*, *carvalho*, *caraças*, *fonix* e *fogo*. Estas palavras são opções mais suaves e disfarçadas que se assemelham às formas mais fortes, sobretudo por partilharem sílabas comuns. (*foda-se*, *caralho*).

Quanto à *gíria*, creio que seja um tipo de linguagem um pouco mais técnica e não tão comum e ampla quanto o calão, sobretudo no que diz respeito às classes profissionais como a *gíria* militar ou a *gíria* dos médicos. De facto, se nos deparamos com termos como “omoplata”, “clavícula”, “antebraço”, “perónio” etc, é fácil concluir que estamos perante a *gíria* médica, embora haja outros que só são conhecidos por quem desempenha a função; da mesma forma que “remate”, “frango”, “fora de jogo”, “penálti” entram no domínio da *gíria* do futebol. Ou “tenente”, “cadete”, “soldado”, “por-se em sentido” se referem à *gíria* militar/do exército.

Contudo, é provável que a *gíria* se assemelhe ao calão quando é utilizada por grupos sociais menos restritos. A título de exemplo: a linguagem do crime e da droga possui um vocabulário riquíssimo, como “balázio”, “choça”, “guita”, “ganza”, “ir de cana”, “charro”, “fanar”, “moca”, entre muitas outras, que aos poucos e poucos deixaram de ser “secretas” tornando-se hoje mais comuns, embora haja outras que só são captadas por quem pertence ao grupo. Acrescento também a *gíria* juvenil que, atualmente, se estende a falantes de diversas faixas etárias e apresenta termos como: “tótil”, “borla”, “baldar-se”, “tá-se bem”, “népia” etc.

Portanto, ainda que possam possuir semelhanças sobretudo porque são níveis de língua usados por alguns grupos sociais ou profissionais (não necessariamente marginais), não são, ainda assim, sinónimos um do outro, principalmente porque a *gíria* não tem o carácter proibitivo e tabu que o calão tem.

1.4.2. Os limites entre *calão* e *palavrão*

O calão, como vimos, no meu entender, compreende vários níveis e não se limita aos “palavrões” – aquelas palavras “feias” que usamos em determinadas circunstâncias. Contudo, estas fazem efetivamente parte do calão e constituem provavelmente um dos campos com maior destaque e riqueza linguística. Isto é, os “palavrões” incluem-se no calão, nas palavras de maior carga semântica e emotiva, e são associados, maioritariamente, ao insulto.

Uma vez mais e à semelhança do que se sucedeu com as definições de *calão* e *gíria*, recorri praticamente a todos os dicionários usados anteriormente para verificar de que forma *palavrão* surge no dicionário.

Começando pelo *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (1996) *palavrão* surge como “termo enfático ou empolado. 2. Palavrada, obscenidade. 3. Palavra grande e que se pronuncia dificilmente.”

No *Dicionário da Língua Portuguesa* de Costa e Sampaio e Melo (1998), o primeiro conceito que surge não é *palavrão* mas sim *palavrada*. Assim, *palavrada* é uma “palavra ou frase grosseira ou obscena. Palavrão; bravata.” E *palavrão* é sinónimo de *palavrada*, ou seja, “palavra comprida e de pronúncia difícil; termo empolado.”

As duas definições seguintes são um pouco mais completas do que as anteriores pois são explicadas com frases. Desta forma, para o *Dicionário da Academia* (2001) *palavrão*: (de palavra + suf -ão) é considerado como uma “palavra de muitas sílabas, difícil de pronunciar. 2. Termo rebuscado, empolado ou considerado demasiado técnico e sofisticado. 3. Vocabulário grosseiro, obsceno, indecoroso = Asneira, grosseira, obscenidade.

É uma pessoa mal-educada, diz muitos palavrões. A parede estava cheia de palavrões, escritas em letras garrafais.”

Por sua vez, o *Dicionário Verbo: língua portuguesa* (2006) considera *palavrão*: “1. Palavra muito extensa ou difícil de pronunciar. “*Otorrinolaringologia*” soava-me como um ~. 2. Termo rebuscado ou demasiado técnico e sofisticado. *Ele para classificar o trabalho notável do artista utilizou o ~ “conspícuo”*. 3. Palavra grosseira ou obscena. Asneira, grosseira, obscenidade. *Alguém escreveu palavrões na parede da escola.*

Obs. Aumentativo de *palavra*.”

Não muito distante destas definições está o conceito de *palavrão* no *Houaiss: dicionário do português atual* (2011). *Palavrão*: “1. Palavra grande e de pronúncia difícil. 2. Expressão pomposa e empolada. 3. Palavra grosseira e/ou obscena.”

Voltando aos dicionários eletrónicos, o *Dicionário Priberam*¹¹ define *palavrão* (derivado de palavra + ão) como:

1. Palavra grande e que se pronuncia dificilmente.
2. Termo empolado.

¹¹ Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/palavr%C3%A3o>

3. Palavrada.
4. Palavra obscena ou grosseira = nome feio, obscenidade, tabuísmo.

Como vimos, em praticamente todos os dicionários consultados, o termo *palavrão* é quase sempre caracterizado, em primeiro lugar, como uma palavra comprida cuja pronúncia é complicada. Portanto, não consta, à partida, como sentido de impropriedade ou de ofensividade pois ao sufixo *-ão* é atribuído o valor de aumento de *palavra*. Contudo, noutras aceções, o conceito de *palavrão* surge como sinónimo de obscenidade, tabuísmo, asneira, grosseria, etc. E é nesta aceção que me concentrarei de seguida.

1.4.3. A carga semântica e o uso dos palavrões

Cada um de nós, enquanto sujeito falante, utiliza diariamente palavras ou expressões – seja num plano escrito ou oral –, num determinado contexto e com vários objetivos: por vezes, em situações de maior carga emocional, para demonstrar indignação e irritação; outras, para exprimirmos o nosso pensamento e os nossos gostos; umas vezes por raiva, outras por repulsa, ou simplesmente para comunicar, do ponto de vista social. Entrando, muitas vezes no discurso, palavras que dão a “sensação de uma série de socos no estômago” – os palavrões –, pois “incomodam o ouvinte, e são uma confissão por parte do orador de que ele não consegue pensar em nenhum outro jeito de tornar suas palavras dignas de atenção” (Pinker, 2008:420).

No entanto, e de acordo com Dino Preti (1984:39), determinar o que é “obsceno” e “grosseiro” – conceitos que variam no tempo e no espaço –, é o principal problema para a categorização da linguagem como obscena ou grosseira, uma vez que palavras ditas ofensivas têm outros propósitos, não se limitando apenas ao insulto e à ofensa. Podem ser sinal de proximidade ou revelar amizade e familiaridade entre as pessoas. Por exemplo: Se me dirigir à minha melhor amiga, depois de um longo período sem a ver, e a cumprimentar com um “tive saudades tuas, minha *puta!*”, o “palavrão” *puta* adquire um significado muito diferente se, num pequeno atrito no trânsito, me dirigir a alguém e exclamar “o sinal está vermelho, *puta!*”.

Segundo o mesmo autor, o que determina se é obsceno ou grosseiro é

“a situação (condições extra-verbais que cercam o ato de fala) que nos permitirá caracterizar o que vulgarmente costuma chamar-se de “palavrão”, empregado como blasfêmia ou injúria.

E, nesse caso, podemos falar de um vocabulário obsceno propriamente dito, composto de um rol de vocábulos mais ou menos fixos através dos tempos e que, por constituírem tabu linguístico, vem mantendo-se quase sem alteração. Boa parte deles já não evoca no falante ou no ouvinte o sentido original e primitivo dos termos, permanecendo apenas a consciência do valor injurioso ou blasfematório, a função depreciativa do significado” (Prete, 1984:41).

Se consultarmos o termo *puta* no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*¹², obtemos os seguintes significados:

1. [Calão] Mulher que se prostitui. = Meretriz, prostituta, rameira.
2. [Calão, depreciativo] Mulher que tem relações sexuais com muitos homens.

Porém, em nenhum dos exemplos anteriores – seja na receção calorosa à minha amiga de longa data, seja na confusão no trânsito –, o termo *puta* representa as definições referidas pelo dicionário eletrónico. No primeiro exemplo, a intenção seria demonstrar saudades e carinho pela pessoa em questão; já no segundo exemplo e, apesar de ser um contexto muito diferente, a intenção da exclamação seria demonstrar irritação ou nervosismo perante a situação.

Portanto, antes de catalogar um item como sendo um insulto, é necessário verificar se houve ou não intenção de ofender. Na verdade, e embora tenha sido meu desconhecimento até à leitura de uma notícia¹³, este é um assunto muito presente a Tribunal, cabendo aos juízes decidir se algumas palavras menos próprias, ditas em contexto de discussão ou situações de exaltação, são efetivamente “meros desabafos inconsequentes, graves ofensas ao bom nome ou crime de ameaça”.

Assim, *palavrão* pode ser classificado como um termo por vezes associado ao insulto e considerado obsceno ou impróprio, entrando no campo da moralidade e quebrando as barreiras da boa educação e cortesia. Os palavrões são palavras que podem ser usadas em vários contextos mas, geralmente, nunca em situações polidas. Segundo Pinker, (2008) “as sete palavras que jamais podem ser ditas a televisão se referem à sexualidade e à excreção: são nomes para fezes, urina, relação sexual, vagina, seios, pessoa que pratica feleção e uma pessoa que concretiza o desejo edipiano.” (Pinker, 2008:372).

¹² Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/puta>

¹³ Artigo do jornal Público (2015, julho 16), disponível em: <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/a-jurisprudencia-do-palavrao-1702310>

Expressões como “vai-te foder”, “és um filho da puta”, “vai para a puta que te pariu” etc, são exemplos de palavrões que podem constituir insulto direto, dependendo da situação e das pessoas envolvidas.

Segundo Geraldine Horan (2013), “Swearing is usually excluded from polite usage in many languages, and swear words used in ‘inappropriate’ contexts, for example, in a court of law, in church, at school, are met with punishment, censure and/or admonition.” (Horan, 2013:286).

No meu entender, seja num contexto de dor ou sofrimento, ou de alegria e felicidade, exclamar palavrões provoca alívio, “consolo” e libertação pelo que estamos a sentir. Na opinião de Richard Stephens no artigo *Swearing – the language of life and death* (2013), é normal soltar palavrões num contexto de dor. Toma como exemplo o nascimento da sua segunda filha, dizendo a respeito:

“In 2004 my second daughter was born and, aspiring to be a modern dad, I stayed with and supported my wife through the labour. After a while it became clear that things were not going according to plan. This was mainly because our daughter was trying, unsuccessfully, to come out feet first. What followed was a very long and difficult labour for my wife, and towards the end her pain was such that she swore out loud. Indeed, she produced a rather impressive selection of expletives during each wave of agonising contractions. But as the contractions passed and the pain subsided, she became embarrassed and apologetic over having let fly in front of the nurses, midwives and doctors, only to redouble her efforts when the next wave of contractions struck.” (Stephens, 2013:650).

Acrescenta ainda:

“There are interesting questions around the emotional effects of swearing. It seems likely that swearing may help people not only express their emotions but also experience them more vividly. It is certainly true that people swear in positive as well as negative emotional contexts.” (Stephens, 2013:653).

A respeito dos palavrões, li uma entrevista¹⁴ que dois humoristas portugueses e um pianista deram ao jornal Público, no mês de junho de 2015, sobre o *podcast Uma Nêspira no Cu* em que um dos temas abordados foi a linguagem utilizada por este trio. A certo ponto, o entrevistador pergunta o seguinte:

“Vamos lá ver: toda a gente (ou quase) diz palavrões? Homens e mulheres, de todas as idades, de todas as classes sociais. Temos a ideia de que há palavras que não se dizem. Ensinamos às crianças que

¹⁴ Artigo do jornal Público (2015, junho 14), disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/nao-deve-ler-esta-entrevistacontem-palavreado-altamente-ofensivo-1698311>

não se dizem asneiras. Logo, palavrão é asneira.

BRUNO: Acho que toda a gente diz.

MARKL: Há sempre uma altura em que sai qualquer coisa. Nem que seja quando uma pessoa se queima numa torradeira. Uma vez disse: “Foda-se” em frente do meu filho. Logo a seguir: “Ah, atenção, isto não se diz.” Nesse mesmo dia, ele ia a deitar-se, deu uma cabeçada na cama e disse: “Foda-se”. Fez um cálculo: “Se há dor envolvida, pode-se dizer isto”.

BRUNO: O palavrão não tem de ser só associado a situações de tensão. Na alegria também deve existir o palavrão. Conheces o texto do [Miguel] Esteves Cardoso sobre os palavrões? Há palavras que ditas com o termo técnico – por exemplo, pénis – são bem mais ofensivas do que...

MARKL: Caralho.

BRUNO: Portanto, eu uso em ambiente controlado.

MARKL: Uma vez, numa estação de serviço, estavam a ouvir *O Homem que Mordeu o Cão*. A rir e a dizer: “Grande cabrão”. É muito português: insultarem as pessoas que as fazem rir. Talvez porque intrinsicamente sejamos um povo que está sempre triste. Então, quando há alguém que faz piadas, diz-se: “Filho de uma grande puta”. É quase um elogio”.

Também na visão de Steven Pinker (2008), falar ou usar palavrões não é necessariamente uma coisa má.

“Quando usado com critério, o palavrão pode ser engraçadíssimo, pungente e incrivelmente eficiente nas descrições. Mais que qualquer outra forma de linguagem, ele convoca nossas faculdades expressivas à máxima plenitude: o poder combinatório da sintaxe; o poder de evocação da metáfora; o prazer da aliteração, da metrificação e da rima; e a carga emocional de nossas atitudes, tanto as concebíveis como as inconcebíveis. Coloca em ação o cérebro todo: esquerdo e direito, superior e inferior, antigo e moderno...” (Pinker, 2008:424).

De facto, as palavras podem tornar-se “boas” ou “más” com o decorrer do tempo, com a evolução da sociedade, de acordo com o significado que lhes atribuímos e de acordo com quem as profere. Na verdade, e de acordo com Pinker, é provável que a “nossa sensação de ofensa venha da natureza do reconhecimento da fala e do que significa entender a conotação de uma palavra”. (Pinker, 2008:420). Contudo, este tipo de palavras está profundamente presente no nosso léxico e a associação a imagens negativas ou depreciativas, no nosso cérebro, é automática. Ainda segundo o mesmo autor,

“o denominador comum do conteúdo do palavrão é uma carga emocional que as pessoas preferiam que não ficasse passando por sua cabeça a troco de nada - a sensação de temor (para Deus e seus paramentos), medo (para o inferno e doenças), nojo (para os eflúvios corporais), ódio (para traidores, hereges e minorias) ou depravação (para a sexualidade). Como a percepção da fala é automática, enunciar

um tabuísmo força a cabeça do ouvinte a ir para uma direção que ela normalmente evita.” (Pinker, 2008:398).

Desta forma, fica claro a grande importância que os “palavrões” têm no nosso dia a dia e na comunicação interpessoal, bem como o efeito que causam tanto no leitor como no ouvinte. Há ainda quem associe o uso de palavrões a um grau de sinceridade e honestidade, isto é, quem fizer uso destas palavras é caracterizado como uma pessoa mais sincera e genuína do que aquele indivíduo que opta por termos mais cordiais, principalmente porque, à partida, está a ser sincero nas suas palavras e ações evitando estar com rodeios ou cortesias. Assim, os palavrões são palavras e expressões que fazem parte do calão “mais forte”, muitas vezes associado ao insulto, constituindo um tabu linguístico. No entanto, o tipo de ofensa expresso pelo insulto dependerá sempre da proximidade das pessoas envolvidas e das circunstâncias em que se dá o discurso.

1.4.4. Regionalismos e expressões idiomáticas

É comum aparecerem, nos dicionários de calão, expressões típicas de uma dada região ou, por outro lado, expressões idiomáticas portuguesas, sem se fazerem, muitas das vezes, diferenciações entre elas.

Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa*¹⁵, *regionalismo* é

1. Tendência para defender e valorizar os interesses específicos da região em que se vive
2. POLÍTICA. Sistema ou doutrina política e social dos que defendem a atribuição de competências (administrativas, políticas ou de ambas as naturezas) a órgãos de soberania de âmbito regional
3. Vocábulo ou expressão regional, provincianismo
4. (artes) carácter de uma obra literária ou artística que versa sobre os costumes e as tradições de determinada região.

Linguisticamente, são características, palavras ou expressões peculiares a determinada região e que não pertencem ao padrão da língua.

¹⁵ Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/regionalismo>

Dentro de um mesmo país, como é o caso de Portugal, há bastantes diferenças linguísticas entre o Norte e o Sul. Por exemplo, um indivíduo que vive no Porto chama um picheleiro quando, em casa, tem problemas numa torneira; já um habitante de Lisboa, na mesma situação, chamava um canalizador.

Outras diferenças são cruzeta, aloquete, fino, sapatilha no Norte, ou cabide, cadeado, imperial e ténis no Sul.

Por sua vez, as expressões idiomáticas podem ser definidas como

“uma unidade sintática, lexicológica e semântica. O seu significado não pode ser calculado pelos significados das palavras contidas na expressão e apresenta uma distribuição única ou muito restrita dos seus elementos lexicais. As particularidades das expressões idiomáticas abrangem dois vectores: a forma (a expressão idiomática é constituída por um grupo de palavras) e o conteúdo (o significado idiomático): “*ver-se grego*”, “*vingança do chinês*”, “*estar/ser grego em alguma coisa*”, “*fazer de alguém roupa de franceses*”, “*agradar/contentar a gregos e troianos*”, “*remettre aux calendes grecques*”, “*construire des châteaux en Espagne*”. Por outro lado, a expressão idiomática não veicula uma moral, uma verdade, mas descreve, complementa, torna mais expressiva uma determinada atribuição ao sujeito ou a uma determinada situação.” (Marques & Teletin 2010:344).

São exemplos de expressões idiomáticas “dar o braço a torcer”, “dar com a língua nos dentes”, “estar com a corda na garganta”, “ficar em águas de bacalhau”, “laurear a pevide”, “não dar ponto sem nó”, entre outras que constam no *Dicionário de Calão* (Nobre, 2010). Muitas destas expressões são de difícil tradução para outras línguas, pois devem ser entendidas num sentido figurado e não no sentido literal. Isto é, de acordo com as definições do dicionário de calão mencionado, a expressão “dar o braço a torcer”, por exemplo, significa “dar-se por vencido; concordar com opinião contrária” (p.66), e não propriamente dar o braço para alguém o torcer.

Desta forma, não creio que faça sentido englobar, nos dicionários de calão, regionalismos e expressões idiomáticas, pois tal como referi neste capítulo, as palavras e expressões de calão constituem um tabu linguístico. Portanto, seria interessante criar dicionários específicos para cada um destes assuntos, de modo a facilitar, ao falante, a consulta de determinados termos e a distinção mais detalhada entre os regionalismos e as expressões idiomáticas.

Capítulo 2: O calão nos dicionários

2.1. Dicionários de *calão*

Muito do calão ouvido, lido ou falado diariamente não se encontra nos dicionários de referência, nos normativos ou com fins pedagógicos, visto que geralmente não contêm termos “tabus”. Na verdade, confiamos nos dicionários de língua sobretudo para a obtenção de respostas no que toca à descodificação ou conhecimento de palavras, dúvidas quanto ao seu significado e etimologia. Quanto aos dicionários de calão, de gíria ou de expressões idiomáticas, são referências significativas para quem, de alguma forma, se interessa por este tema e não conhece outra forma de descobrir palavras novas ou, a nível diatópico, conhecer palavras e expressões típicas de uma dada região (regionalismos). Todavia, há, muito provavelmente, palavras dicionarizadas que hoje já não estão “em voga” e cujos significados se alteraram ou perderam o “rótulo” de calão com o avançar do tempo, sobretudo porque são palavras próprias de uma dada época. Isto pode verificar-se principalmente em dicionários de calão mais antigos, como veremos.

Da mesma forma, não creio que estejam presentes, nestes dicionários, todas as palavras do calão que efetivamente podem existir até porque seria impossível realizar tal feito dado que, por um lado, o calão não permanece igual ao longo dos anos e a todo o tempo surgem palavras novas; por outro, torna-se difícil precisar as fronteiras do que é ou não considerado calão, isto é, excluindo aquelas palavras em que há unanimidade, o facto de eu achar que *merda* é calão, pode não significar o mesmo para outra pessoa.

Por certo, há palavras que saem de moda, dando lugar a outras novas; mas é igualmente complicado compilar tais palavras num dicionário que, por si só, carrega a ideia de estabilidade ao contrário da linguagem calão, viva e mutável.

Assim, podem ser considerados uma coletânea ou uma listagem das palavras mais populares e das mais utilizadas passando por diversos campos: os regionalismos, as expressões idiomáticas, os palavrões, entre outras.

Para este estudo, foram consultados três dicionários de calão: o *Dicionário de Calão* (1959) de Albino Lapa; o *Novo Dicionário de Calão* (2005) de Afonso Praça e o *Dicionário de Calão* (2010) de Eduardo Nobre. A título de curiosidade, um dicionário de calão do Porto: *Heróis à moda do Porto* (2010), coordenação de João Carlos Brito.

2.1.1. *Dicionário de Calão (1959)*

Com prefácio de Aquilino Ribeiro, publicava-se, em 1959, o *Dicionário de Calão* de Albino Lapa. “Calão e Gíria são dois termos que se irmanam e encarnam a mesma objectividade e, de há muito, precisavam quem os imortalizasse.” Desta forma, este constitui o primeiro dicionário de calão português publicado. (Lapa, 1959:XVII).

Surge ainda uma pequena definição de *calão*:

“Havemos de concordar que o calão é a expressão máxima da mais bela chocarrice que os de antanho inventaram, para “os que não querem ser entendidos pelos profanos”, como já atrás dissemos – mas isto não significa que seja baixa a linguagem, porque se assim o considerássemos ninguém o falaria – e hoje é quase moda.

É “pá para aqui, pá para acolá”, “É pá, não viste aquela gaja? E não viste aquela fedúncia de cabelos oxigenados?” “Não viste, pá?” (Lapa, 1959:XXXI).

É certo que muitas palavras que constam especialmente neste dicionário praticamente já não se empregam ou adquiriram um novo significado. Contudo, é interessante verificar que, de facto, os conceitos mudam com o passar dos anos e que, na altura em que o dicionário foi publicado, existia um certo tabu para designar determinadas palavras.

Um desses exemplos é o termo “broche” que é descrito, no dicionário, como “o mesmo que boché. (Termo demasiado grosseiro, que designa um requinte de luxúria a que se entregam, de ordinário, os velhos e os impotentes)” (p.42). Já no *Dicionário de Calão* de Eduardo Nobre (2010), a palavra “broche” adquire um outro significado: “termo mais grosseiro para designar a sucção do pénis.” (p.46). Por sua vez, o *Novo Dicionário de Calão* de Praça (2005), define-o como “termo *rasca* para designar *fellatio* [o m. q. *trombada*]. (p.53).

De uma forma global, são várias as palavras que hoje se usam que não aparecem no dicionário de Lapa: tomo como exemplo “puta”, “foder”, “merda” ou palavras mais fortes relacionadas com pénis.

No entanto, há termos que mantiveram o seu significado até hoje e que ainda se utilizam. É o exemplo de “pinar”, definido como “ter cópula carnal” (p.171), “minete”, isto é, “sucção do clitóris. O mesmo que *Mimi*.” (p.146) e “pirocada” descrito como “o acto da cópula com qualquer mulher.” (p.173).

Outra característica deste dicionário, é haver muitos exemplos de palavras usadas especialmente em determinadas regiões, como por exemplo “abaixar” que significa “defecar” e é um “termo usado especialmente no Alentejo”. (p.1), corroborando o que foi anteriormente exposto acerca da presença dos regionalismos em dicionários de calão.

2.1.1.1. *Novo Dicionário de Calão (2005)*

Em relação ao *Novo Dicionário de Calão (2005)*, Afonso Praça, nas notas introdutórias, faz referência à efemeridade do calão e às influências sociais, históricas e tecnológicas que este recebe:

“Enquanto as mudanças na língua oficial, canónica, chegam ao ritmo de décadas, séculos, no calão, falado diariamente nas ruas, tudo acontece em meses, anos. Por vezes, um termo ou uma expressão tão depressa como aparece esfuma-se em novos quotidianos. O calão é a espuma de uma língua.

Os acontecimentos sociais, histórias, até os avanços tecnológicos, revelam-se, com rapidez, no calão – é assim que encontramos, cada vez mais, palavras em inglês no calão dos jovens portugueses, e assim se explica, também, a importância que termos de origem africana sempre tiveram no calão português.” (Praça, 2005:7).

Penso que o verdadeiro calão é resistente ao tempo e, ao contrário do que Praça defende, não é “a espuma de uma língua”. Ou seja, pode sofrer mudanças ao nível dos significados e usos mas perdura no tempo.

Acrescenta ainda que “um dicionário de calão nunca está completo, acabado”. (Praça, 2005:7), pois há sempre novas palavras a surgir e outras a cair em desuso.

Praça pergunta ainda:

“Um exemplo: quem se atrevia, há 15 ou 20 anos (talvez há menos), a utilizar *gajo* ou *gaja*, que fazem parte da linguagem corrente de todas as classes sociais, embora por vezes ainda choque em certos meios mais elevados ou em certos lábios mais finos?

Em qualquer dos casos, não se choque o leitor com certos termos que entram na categoria daquilo que se designa por palavrão. Quer se queira ou não, tudo faz parte da língua portuguesa e contribui para a enriquecer cada vez mais.” (Praça, 2005:11)

Na verdade, a linguagem calão é extremamente rica e vasta e, obviamente, não pode ser deixada de fora dos estudos da linguagem. Quando usada no contexto e no momento certo, é tão ou mais valiosa do que outros registos linguísticos.

Em comparação com o *Dicionário de Calão* de Lapa (1959), surgem, neste dicionário, palavras e expressões mais atuais e comuns. Em Lapa não aparecia nenhuma palavra relacionada com pênis, já em Praça surge “piça”, “picha”, “pichota”, “pila/pilinha”, “pirilau”, “piroca” etc.

No entanto, a definição de “merda” que consta neste dicionário parece-me um pouco fantasiosa: “saudação que os actores se dirigem uns aos outros antes da estreia de um espectáculo, a desejar boa sorte [nesta acepção, o termo está hoje bastante vulgarizado, ouvindo-se em diversas situações, como, por exemplo, no meio estudantil, antes de um exame]; (drog) haxixe.” (p.173). Embora seja uma realidade do mundo do espectáculo, penso não ser a melhor definição para conter principalmente num dicionário de calão.

Por seu lado, a definição que Nobre (2010) nos dá é bastante diferente: “excrementos; porcaria; expressão de irritação”. (p.113).

2.1.2. *Dicionário de Calão* (2010)

Por fim, foi também alvo de consulta o *Dicionário de Calão* (2010) de Eduardo Nobre. Ainda que a sua primeira edição tenha sido publicada na década de 80, é bastante rico em calão. Começando pelo prefácio, Nobre refere que “o calão é o português diário, comum ou quase secreto, que caldeamos na gramática para que a língua se sinta viva e útil.” (Nobre, 2010:7). De facto, o calão pode ser usado diariamente mas em conformidade com as situações e os contextos, e penso que não é uma linguagem secreta mas disponível para todos os falantes que a queiram usar.

À semelhança do que sucedeu com outros termos, no *Dicionário de Calão* de Lapa (1959) não faz parte a palavra “puta”. Já neste dicionário, é definida como “(prost.) designação corrente e obscena de prostituta.” (p.138). Por outro lado, o *Dicionário de Praça* (2005) é mais minucioso e inclui termos como “puta de merda”, “puta de vida”, “putanheiro”, “puta que o pariu”, “putaria/putedo” e “putéfia”.

Acrescento também a expressão “cagar-se/estar-se cagando” que, neste dicionário de calão (2010), é descrita como “desprezar; não se importar com as consequências.” (p.50).

Contrariamente, no *Dicionário de Calão* de Albino Lapa (1959), o mesmo conceito afasta-se completamente do primeiro exemplo. “(Ser de) livro que não presta; ser inferior. Termo de Coimbra, entre os estudantes.” (p.48).

Assim, estes três dicionários complementam-se, na medida em que nem todos possuem os mesmos conceitos, embora existam várias palavras que recebem definições muito afastadas do sentido que hoje se atribui. Porém, destes dicionários, fazem também parte expressões regionalistas e idiomáticas, tal como referi anteriormente, o que limita um pouco o conhecimento do verdadeiro calão.

2.1.2. Dicionário de calão do Porto

Em jeito de curiosidade e adicionando o facto de viver no distrito do Porto, consultei o livro *Heróis à moda do Porto* (2010)¹⁶ que reúne sete contos que têm como pano de fundo, e como o título indica, a cidade do Porto. Na parte final do livro, surge um dicionário de calão com aproximadamente 450 palavras e expressões típicas da cidade Invicta.

Numa entrevista ao jornal Público¹⁷, João Carlos Brito

“recorda, a propósito, um teste que realizou com alunos do segundo ciclo com as palavras "tótil" e "bué", sinónimos populares e juvenis de "muito". "No Porto, há vinte anos, dizia-se tótil e em Lisboa, por causa da influência africana, bué. Hoje o tótil desapareceu e aqui no Porto diz-se "bué tótil de vezes", graceja.”

Os contos presentes neste dicionário de calão são todos baseados em estórias infantis clássicas. São eles: *Baby Dopada* baseado n’*A Bela Adormecida*; *Bambi, o Cenourinha*, baseado no *Bambi*; *A garina da Sé*, baseado na história d’ *O Capuchinho Vermelho*; a *Faneca*, baseado n’*A Pequena Sereia*; *Narizinho enganador*, baseado na história d’*O Pinóquio*; a *Geninha da Branca e os 7 Traficantes*, baseado n’*a Branca de Neve e os Sete Anões* e, por fim, o *Pinto e Pongo*, baseado n’*Os 101 Dálmatas*.

¹⁶ Com coordenação a cargo de João Carlos Brito, os contos foram escritos “a partir de uma oficina de escrita criativa de CLC de um curso EFA de Técnico de Informação e Animação Turística” (p.6) por 14 formandas.

¹⁷ Artigo do jornal Público (2010, julho 11), disponível em: <http://www.publico.pt/temas/jornal/doi-livros-para-preservar--a-lingua-colorida-que-ca-temosporto-19781251>

Em todos os sete contos foram utilizadas palavras e expressões usadas principalmente na região do Porto reunidas, no final do livro, num glossário, um pequeno “Dicionário do caraças da gíria e do calão do Porto”.

Porém, segundo José Carlos Brito, não foi tarefa fácil

“conseguir reunir estas cerca de 450 palavras e expressões do “linguarejar” dos falantes do Porto. A dificuldade aumentou porque se decidiu que o vocabulário potencialmente ofensivo não integraria este glossário. O que, desde logo, excluiu quase metade dos “tripeirismos”, pois já se sabe que é nessa área que o calão regional é mais fértil...” (Brito, 2010:47).

Heróis à Moda de... não se limita, no entanto, à cidade do Porto. Desta coleção fazem igualmente parte *Heróis à Moda de Lisboa* (2010), *Heróis à Moda do Alentejo* (2010), *Heróis à Moda de Trás-os-Montes* (2011), *Heróis à Moda do Minho* (2011), *Heróis à Moda da Madeira* (2011), *Heróis à Moda dos Açores* (2013) e *Heróis à Moda do Algarve* (2015).

Não querendo, contudo, limitar o estudo do calão a nenhuma região em específico, deixo, no fim em anexo, um conto – *Baby Dopada* – a título de curiosidade.

Capítulo 3: O calão na forma escrita

3.1. Representação escrita do calão

O calão, como mencionado em capítulos anteriores, é muitas vezes visto como uma linguagem que faz parte da língua escrita e falada de grande parte dos falantes, abrangendo diversas faixas etárias, estratos sociais, etc. Ignorá-lo não faz com que desapareça, pois grande parte destas palavras existe há muitas centenas de anos, e portanto, pode ser estudado.

Ainda que seja utilizado com maior frequência na comunicação oral, pois a fala possui características mais espontâneas e livres do que a escrita, que tende a ser mais cuidada e objetiva, o calão tem também surgido no processo escrito. De facto, não escrevemos da mesma forma que falamos: na escrita, há maior rigor sobretudo porque, por um lado, podemos pensar, rever e corrigir o que foi escrito e, por outro, há uma maior exigência para o texto escrito.

Na fala, há maior contacto e proximidade entre emissor e recetor e o processo é mais natural e mesmo que se trate de uma situação formal, o discurso será sempre menos planeado. Portanto, a fala e a escrita possuem diferentes níveis ou graus de formalidade, de acordo com vários fatores, mas não se pode considerar que uma é melhor do que outra. São apenas diferentes meios de representação, não esquecendo que existem línguas ágrafas, ou seja, não possuem escrita.

Este capítulo debruça-se precisamente sobre algumas das diferentes formas possíveis de representar o calão, na sua vertente escrita, com base na recolha de exemplos reais.

Atualmente, vivemos num mundo tecnológico sem barreiras temporais e espaciais, com *chats*, blogues, jornais, revistas *online* e redes sociais à distância de um clique, onde o calão se tem expandido e popularizado de uma forma mais livre e “natural” do que há uns anos atrás. Sem dúvida, a *internet* é um ciberespaço que, segundo Teixeira (2006) é “lugar de múltiplas línguas e de todos os assuntos e culturas. Mas é também um poderoso mecanismo unificador de tendências, modas culturais e comportamentais que procura uma comunicabilidade o mais abrangente e eficaz possível.” (Teixeira, 2006:2¹⁸)

¹⁸ Diz respeito à página do artigo consultado na Internet, cuja paginação não é a mesma do artigo impresso.

A *internet*, enquanto meio de comunicação, é uma forma rápida e fácil de comunicarmos uns com os outros, que se encontra, na nossa sociedade, à disposição de qualquer usuário, abrangendo uma grande diversidade linguística e que tem vindo a alterar a forma de vermos e de utilizarmos a língua, quebrando com normas linguísticas mais tradicionais e abrindo espaço a novas formas de interação linguística.

Sendo um dos pontos principais deste estudo, a linguagem da *internet* está, cada vez mais, repleta de calão, cuja representação é feita de variadas formas.

Desta modo, estes tipos de calão surgem retratados muitas vezes por extenso, em diferentes situações, corroborando a ideia de que o calão se tem integrado aos poucos de forma natural ou, outras vezes, disfarçados ou abreviados, optando-se pelo uso de caracteres substitutos das letras (!@**#?...). De facto, há inúmeras técnicas no que toca a este assunto, pois nem todos os termos surgem representados por extenso. (numa dimensão, talvez, de tabu: *m***** ou *Filhos da p#\$@...*).

Para este estudo, optei por trabalhar a representação escrita do calão em três domínios: nas redes sociais e outras plataformas da Internet, na comunicação social e em obras artísticas contemporâneas portuguesas.

3.1.1. Redes sociais e outras plataformas

Quem anda (ou “navega”) assiduamente pelas redes sociais ou por outras plataformas interativas como os blogues, depara-se diariamente com notícias e publicações sobre os mais variados temas. Muitos deles, pelos assuntos em questão, levam os internautas a tecer comentários – em espaços destinados para esses efeitos, nas chamadas “caixas de comentários”, – deixando a sua opinião e visão sobre o tema em destaque. E é precisamente sobre os diferentes tipos de vocabulário calão e as várias formas de o representar que este ponto se debruça.

Assim, as caixas de comentários escolhidas foram as de notícias de jornais em páginas do *Facebook* e em vídeos de música em páginas do *Youtube*.

Para além destas, trabalhei igualmente no calão encontrado em textos de blogues portugueses.

De modo a ser mais fácil agrupar os diferentes modos de escrita do calão, foram criadas duas folhas de cálculo (Excel) com os vários exemplos. Todos os comentários escritos na íntegra estão disponíveis no Anexo 2.¹⁹

Os comentários recolhidos, presentes no Anexo 2 foram retirados, através de uma longa pesquisa, das páginas de *Facebook* de vários jornais (*Correio da Manhã*, *Jornal de Notícias*, *Semanário Sol*, *Diário de Notícias e Público*), uma vez que são de acesso livre e qualquer pessoa pode comentar, sem restrições, as publicações diárias dos jornais, contrariamente às caixas de comentários nos *sites* dos próprios jornais que, ou não admitem comentários, ou sofrem triagem podendo até mesmo serem eliminados/cancelados devido à linguagem utilizada.

Contudo, uma política diferente é a do *site* do *Jornal de Notícias* que permite acesso livre aos leitores para comentarem no espaço destinado a tal. Desta forma, é possível encontrar vários tipos de comentários com calão como “*Ó António Augusto, vai dar banho ao cão...está a ofender uma região e quem nela vive. Vá para a pu*a que o ...*” ou, por outro lado, “*LUIS FERREIRA ÉS UM GRNDE FILHO DA P---U---T---A*”. Em relação ao jornal *Público*, é necessário “iniciar sessão” ou estar registado no *site* do jornal para comentar, para além de que todos os leitores devem obedecer aos “critérios de publicação” de modo a que os seus comentários não sejam eliminados por violação de regras.

Quanto ao *Correio da Manhã*, também é necessário estar registado no *site* do jornal para poder comentar as notícias. Para além disso, lê-se o seguinte em nota: “O *Correio da Manhã* reserva-se ao direito de apagar os comentários abusivos e com linguagem inadequada.”

Portanto, para conseguir um maior número de exemplos e uma grande variedade de comentários com recurso ao calão, optei por trabalhar apenas nas páginas de *Facebook* dos jornais. Assim, o principal objetivo foi identificar várias formas possíveis de representar o calão na forma escrita e, ao mesmo tempo, perceber quais das palavras do calão são utilizadas com maior frequência *online*. Feita a análise, é possível encontrar uma dualidade de situações: por um lado, há um grande número de comentários cujos termos do calão se encontram escritos por extenso e até mesmo sob “reforço” de palavra; por outro, é igualmente comum surgirem disfarçados com asteriscos, serem substituídos por símbolos, etc como veremos de seguida.

¹⁹ Todos os erros ortográficos, o uso do negrito e do itálico, maiúsculas etc presentes nos comentários foram transcritos na totalidade, não tendo sofrido alterações da minha parte.

3.1.2. Representação do calão por extenso e com reforço de palavra

Sem dúvida que em grande parte dos comentários encontrados – seja nas páginas dos jornais, nas “caixas de comentários” de vídeos do *Youtube* ou nas publicações em blogs, o calão é usado por alguns de forma livre e sem qualquer vergonha social, o que mostra como, atualmente, há uma maior liberdade expressiva e com o tempo muitas palavras passaram a ser consideradas “normais” de serem utilizadas, isto é, perderam o seu caráter proibitivo.

Tomando como exemplo alguns dos comentários (Anexo 2), deparamo-nos com uma presença constante de várias palavras do calão forte e todas elas escritas na sua totalidade. As mais populares, isto é, as que se encontram com maior frequência são: “merda” (12 vezes), “puta” (5 vezes) e outros derivados como “putedo” ou “putita”, “filho(s) da puta” (5 vezes), “puta que pariu” (4 vezes), “cabrão/cabrões” (5 vezes), “chulo” (4 vezes), “cu(s)” (5 vezes), “caralho” (4 vezes), e vários associados de “foder” como “foda-se”, “ser fodido”, “que se foda”, “fodeste”, “fodem-nos”, “vai-te foder” etc. Para além destas, há ainda outros exemplos mas não tão recorrentes (“colhões”, “caguei /estou-me a cagar”, “piroca”, “mamas”, “peidas”, “gaita” etc).

Por outro lado, foi também curioso encontrar palavras do calão que foram “reforçadas”, isto é, escritas de forma a não passarem despercebidas para o leitor, principalmente escritas em maiúsculas, com reticências, com repetição ou reduplicação de vogal final, com prolongamento de sílaba e, por fim, em maiúsculas com reduplicação da vogal final. Da lista de comentários criada (Anexo 2), a técnica de “reforço” mais frequente é a que utiliza maiúsculas, com nove exemplos:

- “Filho de umma grande PUTA!”
- “Senhor vitor sabino VA-SE FODER”
- “Mais um GRANDE CHULO que nao quer sair da mama.”
- “Vais com a PUTA QUE TE PARIU ,seu granda BOI chulo e vigarista”
- “TODOS PRO CARALHO!”
- “O CHULO a ver o desgraçado a trabalhar..”
- “Burro Da MERDA”
- “VAI-TE EMBORA Ó BOI, FILHO DA PUTA, VIGARISTA, CHULO”
- “MAS QUEM É ESTE FILHO DA PUTA PARA FALAR ESSES CABRAO, LADRÃO, GATUNO? ? ? ?”.

Com dois exemplos cada, temos comentários com o uso de reticências: “Filho de

uma grande Pu.....ta.....fora a mamãe ke não tem culpa assassino.....prisão perpétua.....” e “Grande verdade quem não fod ...de é fodi....do. ..dai temos que fo. ..der...” e escritos em maiúsculas com reduplicação da vogal final: “Mas o que é que este FILHO DA PUTAAAA merecia CARALHOOOO” e “Perdoem o desabafo FODASSEEEEE JA CHEGA!”.

Por fim, apenas com um exemplo cada, encontramos um comentário com prolongamento de sílaba “Viva o Porto caralhoooooooooooo” e um comentário com reduplicação de vogal final “Grande filho da PUTAAAAAAA!!!!!!”.

A propósito, Pinker afirma que

“Há momentos, é claro, em que queremos que nossos ouvintes pensem nos aspectos desagradáveis de alguma coisa, e é aí que recorremos à linguagem chula. Às vezes para dar mais vida à narrativa, às vezes de raiva, usamos os tabuísmos para transmitir a ideia de quão repulsiva alguma coisa é”. (Pinker, 2008:400)

Portanto, o facto de usar uma palavra possuidora de uma carga mais ou menos obscena irá depender da intenção de comunicação por parte do sujeito falante. Isto é, cada falante adequa o discurso e o léxico usado em conformidade com o interlocutor, o contexto, com a situação e, acima de tudo, com a intenção discursiva. Nestes casos, os comentários foram escritos sem qualquer tabu, muitas vezes a roçarem o insulto, repetindo-se, uma vez mais, expressões como “puta”, “filho da puta”, “puta que pariu”, “caralho”, “merda”, “foda-se”, entre outras.

3.1.1.2. Representação do calão com asteriscos e caracteres

Embora seja possível depararmo-nos com palavras do calão escritas por extenso, há ainda muitas ocasiões em que são autocensuradas e caracterizadas como inadequadas ou pouco convenientes de serem utilizadas. Desta forma, surge uma necessidade de disfarçar ou atenuar a palavra ou a expressão, recorrendo-se a símbolos ou a caracteres especiais, dando a sugestão do que ela é, mas sem a escrever na sua totalidade.

De acordo com a lista de comentários (Anexo 2), agrupei as palavras em dois tipos: as que, por um lado, possuem um asterisco (*) a substituir cada uma das letras em falta; e as que, por outro lado, utilizam diversos símbolos numa representação quase

exata das letras. Vejamos com exemplos práticos.

No primeiro grupo e usando os seguintes exemplos:

-“só m**** !!!”;

-“o governo bem nos f***”;

-“Cag* para a justiça (...) que vá cag*r”;

-“Muitas portuguesas dão fod** grátis”;

-“Que grande filha da put*!”;

-“Costa promete o cara***!”, cada símbolo (*) usado representa uma letra subentendida. Portanto, as palavras na íntegra são facilmente reconhecidas como “merda”, “fode”, “caga /o”, “cagar”, “fodas”, “puta” e “caralho”.

Quanto ao segundo grupo, os símbolos tentam retratar uma letra específica. Em “Filhos da p#\$@”, por exemplo, o símbolo do cifrão (\$) apesar de se assemelhar, de uma forma geral, a um S está a substituir a letra T. Já no exemplo “com a boca toda fod#\$&”, e contrariamente ao que acontece na expressão anterior, o cifrão (\$) representa a letra S.

Com uma substituição quase exata destaco “que continue tudo a mesma merd@”; “C@br@0 dum raio...” e “O Ronaldo que se fod@...”, uma vez que o símbolo da arroba (@) é quase idêntico à letra A, identificando-se com facilidade as palavras “merda”, “cabrão” e “foda”.

3.1.1.3. Uso de iniciais de palavras VS. uma sílaba

Uma outra técnica frequente é a de usar a letra de início de cada palavra para formar quase que uma sigla, evitando assim escrevê-las por extenso. Os principais exemplos encontrados foram sobretudo: “PQP!!!”, “FDP!” e “f.d.p”, ou seja, “puta que pariu” e “filho da puta”, novamente em destaque.

Embora não seja tão constante, há ainda a possibilidade de representar a palavra apenas pela primeira sílaba, ou seja, a sílaba inicial. Ainda que não tenha surgido com regularidade durante a pesquisa, os exemplos mais frequentes foram com a palavra “puta”. Sublinho “filho de uma pu.”; “As pu*** devem tar ricas” e “ENTÃO AS PU---”.

3.1.1.4. Disfarce por paronímia fónica e gráfica²⁰ VS. palavra quase na totalidade

Com o intuito de evitar o choque ou a indelicadeza há ainda formas escritas menos rudes para indicar determinada palavra considerada desagradável, imprópria ou proibida pelos padrões sociais.

É desta forma que surgem novos termos como “Fonix”, “Seus grandes filhos da fruta”, “Fogo!!!!” , “carago”, “vai pó carvalho”, “fanáticos do carvalho”, entre outros exemplos encontrados. Todas estas palavras possuem semelhanças com as formas mais fortes, ou por possuírem sílabas em comum ou, tal como o título indica, serem muito idênticas fónica e graficamente.

No entanto, ao usarmos estas técnicas para suavizar o discurso, a palavra ou expressão perde carga emocional e semântica pois evitam-se expressões “fortes” substituindo-as por outras mais “ligeiras”, limitando e modificando a expressividade do enunciado.

Salientou-se ainda outra técnica, a representação quase total da palavra, ficando na maioria das vezes apenas de fora uma letra ou uma sílaba. São diversos os exemplos, como a substituição de letras por vírgulas: “(...) escreveria apenas,,,,,vao se f,,der!”, o uso de espaços: “Filho d p_t_..”, a supressão de vogais: “Q grande pta!” e “Está tudo fddo (...)”, a substituição de letras por pontos: “(...) Cabr.....”, entre outros.

Assim, ao nível das caixas de comentários de notícias, estas foram as tendências que se destacaram em maior número. Sem dúvida que é cada vez maior a aceitação do calão nas redes sociais, e, portanto, vai deixando aos poucos de ser um uso tabu; no entanto, e apesar de a sua presença ser progressiva, os termos podem também sofrer algumas modificações para tentar fugir ao interdito ou para evitar situações desagradáveis ao leitor. Contudo, ainda que sejam utilizadas diversas técnicas, como as que vimos, as palavras “suavizadas” deixam transparecer, ainda assim, o seu significado; isto é, não é pelo facto de serem escritas só pela metade que deixam de ser consideradas calão. Apenas passam a integrar novas formas de o representar.

Na verdade, citando Coseriu (1982) “As palavras tornam-se nobres ou vulgares de acordo com quem as empregue, de acordo com as associações fónicas e significativas que despertam, de acordo com as situações em que sejam utilizadas.” (1982:76). De

²⁰ Embora de início usasse o termo “eufemismo” para indicar esta técnica, por sugestão do orientador, optei por esta terminologia, visto que o conceito de eufemismo tradicionalmente se visa a equivalências semânticas referenciais.

facto, em grande parte dos exemplos apontados, muitas palavras do calão foram usadas com o objetivo de ofender, insultar ou para demonstrar alguma indignação perante determinada situação, verificando-se a repetição de grande parte delas. Tal como referi anteriormente, foi constante defrontar-me com as mesmas expressões (*merda, puta, filho da puta, puta que pariu, chulo, caralho, foder, foda-se* e derivados como *ser fodido, vai-te foder, que se foda, gajo/a, cabrão*, etc) ao longo dos comentários, independentemente da forma em que surgiam escritas.

3.1.2. Caixa de comentários – Vídeos de música

Além das caixas de comentários de jornais, achei interessante verificar se, em plataformas como o *Youtube*, por exemplo, o calão se manifesta de igual forma em relação ao que vimos nos pontos anteriores. Para tal, a pesquisa foi efetuada em vídeos de música principalmente de artistas portugueses, de modo a ser mais fácil encontrar comentários escritos em Português.

Apesar do número de comentários com calão ser relativamente escasso, foi possível registar algumas novas formas de representar o calão. Ressalto: “Fds”, “Fodaxxx”, “pa crl”, “crlh”, “fosga-se” e “mrd”. Ou melhor, “foda-se”, “caralho” e “merda” cujas vogais, nos exemplos apresentados, foram suprimidas. Quanto ao termo “fosga-se”, é uma maneira mais delicada de indicar “foda-se” sem recorrer ao calão explícito, tal como vimos no ponto 3.1.1.4. Ainda dentro deste patamar, voltamos a encontrar exemplos em que foram usados asteriscos em substituição de letras, como em “m*rdas”, “p**a”, e “caralh*” e o início de cada palavra para formar termos como “fdp” e “PQP” (“merdas”, “puta”, “caralho”, “filho da puta” e “puta que pariu”, respetivamente).

Contudo, a maior parte dos termos encontrados nos comentários aparecem escritos por extenso e há uma grande tendência para usar as mesmas palavras e expressões de calão. Da lista de comentários (Anexo 2), as palavras que aparecem em maior destaque são “foda-se” (10 vezes), “merda” (9 vezes) e “caralho” (10 vezes). Para além destas, sobressaem ainda “puta que pariu” (ou *pqp*), “porra”, “filha da puta” (ou *fdp*), e outras menos fortes como “fogo” e “carago”, indo ao encontro das que tinham sido registadas nos comentários de jornais. Portanto, ao nível das caixas de comentários de vídeos no *Youtube*, há uma forte tendência para se repetirem as mesmas palavras do calão e as mesmas representações, como o uso de asteriscos (*) e o uso de iniciais de

palavra (em exemplos como *fdp* e *pqp*), embora surja uma nova forma, a supressão de vogais (em exemplos como *mrd*, *crlh* etc).

3.1.3. Blogues

Por fim, de forma a não restringir o estudo apenas às caixas de comentários, foi igualmente importante expandi-lo a outras plataformas como os blogues. Começando pela plataforma *Maria Capaz*, em alguns dos textos presentes no *site* é comum encontrar vocabulário calão.

Assim, foram selecionados três textos²¹ com títulos curiosos: “Gajas do Norte”, “Serei Sempre Mal Fodida” e “Estimo que te Fodas”.

Começando pelo primeiro texto, caracteriza a personalidade de uma “gaja do Norte”. Segundo a autora, as nortenhas são “porreiras e – não sei se existe a palavra (passa a existir) – desenmerdam-se sozinhas. Não estão com rodeios, dizem palavrões sempre que é preciso. Dizem “Foda-se para esta merda”, nem que seja baixinho.” Já no final surge ainda a expressão “merda da vida”.

Em relação ao segundo texto, o léxico engloba o calão do sexo. A autora, homossexual assumida, conta que “circulava, entre os rapazes, a ideia de que eu era mal fodida. E não no sentido de ser amargurada ou arrogante, mas mesmo no sentido literal: foderam-me mal.” Ao longo do texto é ainda possível encontrar expressões como “um bom pau”, “uma boa foda”, “pá” e “foder”.

Por último, o terceiro texto, de caráter amoroso, apresenta termos como “a tua puta”, “putice”, “besta” e ainda a expressão que dá título ao texto “estimo que te fodas”.

Passando agora a uma página de entretenimento, o *site* *Ainanas*, popular sobretudo nas camadas mais jovens pelo seu teor humorístico, utiliza vocabulário calão em praticamente todas as suas publicações e, por isso, o uso do calão constitui um uso especial.

Pegando como exemplo a publicação “Amber Rose promove com orgulho a foda mágica²²”, o texto diz-nos o seguinte: “Para os que ainda não foram iniciados: a foda mágica consiste num bruto pinanço em que no fim.. puff, ela desaparece! (...) Amber

²¹ Disponíveis na plataforma Maria Capaz em: <http://mariacapaz.pt/cronicas/gajas-norte-por-filipa-guimaraes/>, <http://mariacapaz.pt/cronicas/serei-sempre-mal-fodida-por-liana-rego/> e <http://mariacapaz.pt/cronicas/estimo-que-te-fodas-por-sofia-fonseca-e-costa/>.

²² Disponível em: <http://ainanas.com/lolllll/amber-rose-promove-com-orgulho-a-foda-magica/>

Rose convida agora mulheres (e homens, porque não?) a orgulharem-se de ter pinado à grande e voltarem para casa numa orgulhosa e triunfante caminhada.”

Num outro plano destaco ainda uma publicação que tem como título “Pai marado atormenta o filho e destrói-lhe a XBOX”²³. A dada altura lê-se o seguinte: “Com esta atitude não está a educar o filho, está a habilitar-se a levar uma machadada nos cornos enquanto dorme.” E, já no final: “A moral desta história, segundo o próprio pai, é que não lhe dá com o cinto para não ir preso, mas que pode destruir as merdas que quiser à vontade. Mas que gajo marado dos cornos!”

É ainda importante salientar que, tanto na plataforma *Maria Capaz*, como no *site Ainanás*, o espaço destinado aos comentários por parte dos leitores é de acesso livre.

3.1.4. Comunicação social na *Internet*

No que toca aos jornais de referência *online*, o cenário é um pouco diferente. Para além de, como vimos, as caixas de comentários possuírem regras de publicação em alguns jornais, a redação de uma notícia e o tipo de linguagem utilizado irá sofrer influência do tema em destaque e do público-alvo a que se destina, bem como do propósito (objetivo) da publicação. Ou seja, os textos, segundo as regras de conduta/estilo de alguns jornais, devem evitar a gíria e linguagens técnicas para que possam ser compreendidos pelo maior número possível de leitores, e o recurso ao calão só será permitido se se revelar relevante para a perceção e contextualização da notícia.

Um bom exemplo destas regras é o Livro de Estilo da *Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A.*²⁴ que, num capítulo dedicado às Normas Gerais, nas “Injúrias e grosserias”, adverte:

“O calão, as expressões de gíria e o jargão só são aceitáveis em casos muito excecionais – nomeadamente em transcrições ‘ipsis verbis’ de figuras de relevo devidamente identificadas – e desde que acrescentem algo à informação e o seu contexto seja devidamente explicado.”

“Contudo, existem situações excecionais em que termos grosseiros ou injuriosos, quando proferidos por figuras públicas, entidades e organizações (políticas, económicas, sociais, religiosas e desportivas), podem ser transcritos, essencialmente pelas consequências do julgamento público que daí poderá advir, as quais, por vezes, são traduzidas em demissões, processos ou condenações judiciais.

²³ Disponível em: <http://ainanas.com/bizarro-2/pai-marado-atormenta-o-filho-e-destroi-lhe-a-xbox/>

²⁴ Consulte-se: <http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/LivroEstilo.pdf>

Exemplificando: não se reproduzem os insultos da multidão ao treinador de um clube, mas pode ser noticiosamente relevante dizer qual foi o insulto que, em público, um político dirigiu a outro, à multidão ou a quem quer que seja. Porém, mesmo nestes casos, a agência deve abster-se de transcrever ‘ipsis verbis’ obscenidades, optando antes pela sua mera sugestão: “vá pró c...”, por exemplo.” (2012:7-8²⁵)

Portanto, neste âmbito, a representação escrita do calão sofrerá restrições mais acentuadas do que aquelas que acontecem nas redes sociais (cf. 3.1.1), embora haja exceções como veremos prontamente.

Em 2010, o *Semanário Sol* publicou uma notícia²⁶ avançada pelo *Diário de Notícias* sobre a polémica em torno do Dicionário Básico de Língua Portuguesa, da Porto Editora, recomendado por professores de determinadas escolas, que contém palavras como “c...” (órgão sexual masculino), “c...” (órgão sexual feminino) e “f...” (acto sexual), indignando pais de alguns alunos. Ora, se o jornal *Sol* não tivesse explicado, entre parêntesis, de que tipo de palavras se tratavam (conotação sexual), seria impossível chegar a uma conclusão apenas através de uma letra inicial. Ainda assim, e não tendo certezas em relação às palavras, penso que se trata de “caralho”, “cona” e “foder”.

Ainda a propósito desta notícia, foi curioso ler, na “caixa de texto” alguns comentários de leitores acerca do tema. Um dos que me chamou à atenção diz o seguinte: “Não existe problema algum se o dicionário tiver estas e muitas outras palavras (pedófilo, homossexual, aborto, ...), bem como o respectivo significado. Mau será não explicar às crianças que algumas dessas palavras não serão as mais adequadas para utilizarem.”

Em 2011 o jornal *Público* publicou uma notícia²⁷ sobre alegados insultos proferidos por Jaime Ramos, Secretário-geral do PSD regional, a um jornalista do *Diário de Notícias da Madeira*.

É desta forma que o *Público* regista termos do calão na sua notícia:

“disse que não convivia com ‘paneleiros’. A partir daí foi um conjunto alargado de agressões verbais, com predominância do calão e de acusações pessoais”. Conta ainda o jornalista que o também líder parlamentar do PSD-Madeira lhe chamou “filho da p...a”, “mentiroso”, “corrupto”, de estar “feito com eles” e de ter recebido dinheiro para escrever.

²⁵ Referência à paginação do artigo consultado na Internet.

²⁶ Artigo do *Semanário Sol* (2010, setembro 22), disponível em: <http://www.sol.pt/noticia/633>

²⁷ Artigo do jornal *Público* (2011, julho 18), disponível em: <http://www.publico.pt/politica/noticia/dn-do-funchal-queixase-a-erc-dos-insultos-de-jaime-ramos-a-jornalista-1503596>

Depois convidou o jornalista a “ir para o c...”.

Mais à frente lemos o seguinte, ainda na mesma notícia: “Também não são inéditas as expressões usadas por Ramos que no parlamento já chamou “filho da p...” ao deputado Bernardo Martins (PS), “cabra” a Rita Pestana (PS), “chulo” e “vadio” a Edgar Silva (PCP) a quem ameaçou de “um tiro nos cornos”, “gatuno” e “burro” a Jacinto Serrão (PS). Também “mimoseou” Violante Matos (BE) com um “vai à merda” e até ao presidente do parlamento “convidou” a que fosse “para o c...”.

Sem dúvida que as palavras com maior carga ofensiva e negativa foram disfarçadas com reticências, como em “filho da p...a” (filho da puta) e “para o c...” (ir para o caralho). As restantes palavras, com uma carga menos obscena (“cabra”, “gatuno”, “burro”, entre outras), foram escritas por extenso, sem qualquer tabu.

Em 2012, o *Diário de Notícias* fez referência a uma notícia²⁸ publicada pela imprensa espanhola que acusava o então presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Rio, de ter utilizado a expressão “é uma m...” para se referir à ligação ferroviária Porto-Vigo.

Contrariamente à notícia anterior, do jornal *Público*, que referenciava “merda” por extenso (“vai à merda”), o *Diário de Notícias* opta pelo uso das reticências para se referir à mesma expressão, o que me leva a crer que os termos potencialmente tabus não são interpretados da mesma forma pela equipa de redação dos jornais.

Passando agora a notícias desportivas²⁹, em maio de 2015, o jornal *O Jogo* fez referência aos insultos proferidos pelo jogador Carlos Tevez ao seu treinador num jogo das meias-finais da Liga dos Campeões, da seguinte forma: “Cagão, filho da p...”. Uma vez mais e à semelhança de outros casos, a expressão “filho da puta” foi disfarçada.

Ainda na linha desportiva, o jornal *Record* noticiou as palavras pouco simpáticas que Octávio Machado disse ao árbitro da partida entre o Ajax e o Sporting, em julho de 2015. “Vai para o c..., pá!” é o que consta na notícia que, facilmente, se associa a “Vai para o caralho, pá!” mas, mais uma vez, e à semelhança de exemplos anteriores, o código de conduta do jornal foi aplicado.

Num outro registo, ainda ligado à comunicação social, tomo como exemplo o *Inimigo Público*, um suplemento do jornal *Público* que vai para as bancas todas as sextas-feiras. De caráter humorístico e satírico, muitos dos seus artigos fazem uso do calão aliado ao humor para caricaturar a situação atual de Portugal em vários campos ou

²⁸ Artigo do Diário de Notícias (2012, fevereiro 02), disponível em: http://www.dn.pt/politica/interior.aspx?content_id=2279610

²⁹ Artigos disponíveis em: http://www.ojogo.pt/Internacional/interior.aspx?content_id=4554436 e

<http://www.record.xl.pt/futebol/nacional/1a-liga/sporting/detalhe/improperios-de-octavio-machado-para-o-arbitro-964495.html>

fazer alusão a outros temas merecedores de destaque.

Um desses textos³⁰ dá conta do facto da Guiné-Equatorial ter entrado na CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), embora o seu presidente, Teodoro Obiang, tenha dificuldade em se exprimir em Português, uma vez que “como qualquer falante inaugural de uma língua estrangeira, a primeira coisa que aprende é o calão”. Portanto, e apesar de fictício mas não menos hilariante, atribui-se-lhe um discurso repleto de expressões de calão, embora não tenham sido escritas por extenso.

Lê-se, então “A CPLP é uma m...do c... !”, afirmou ao IP, orgulhoso. “F...-se, já devia ter entrado no c... da CPLP à c... de tempo. Nem sei o que andava a fazer com a filha-da-p... da língua Espanhola. Quero mas é que o Cervantes vá para o c...que o f...Viva o Camões, esse zarolho do c... !”.

Tendo por base estes exemplos, é notório o cuidado que os meios de comunicação social têm quando querem ou necessitam de mencionar, nas suas publicações, termos ou expressões de calão. Essencialmente, e na globalidade, adotam uma postura conservadora da língua seguindo os parâmetros definidos pelas regras de conduta dos jornais em questão, não fazendo, na maioria dos casos, uma transcrição total da palavra calão.

De facto, em comparação com o que sucedeu nas redes sociais (cf. 3.1.1), em que se verificou uma variedade de situações, os órgãos de comunicação social seguem uma linha moderada, optando pela abreviatura das palavras respeitando os procedimentos a serem aplicados. Um desses exemplos, bem explícito, é o código de conduta do jornal *Expresso*³¹ que, na secção destinada à linguagem, deixa claro que “deve ser evitado o recurso abusivo à gíria e ao jargão técnico. Não são aceitáveis insultos, obscenidades, blasfémias ou qualquer tipo de calão, a não ser quando se revelem essenciais à compreensão da notícia ou à correcta contextualização da reportagem.”

3.1.5. Em obras literárias

Para além de se manifestar nas redes sociais e na comunicação social (na *Internet*), o calão tem vindo a aparecer igualmente em textos, crónicas, artigos de opinião ou em obras literárias. É cada vez mais frequente encontrar atualmente, no registo escrito, palavras e expressões de calão, não esquecendo, no entanto, que o uso

³⁰ Disponível em: <http://inimigo.publico.pt/Noticia/Detail/1663720>

³¹ Para consulta em: <http://expresso.sapo.pt/informacao/codigoconduta/codigo-de-conduta-dos-jornalistas-do-expresso=f198040>

destes termos não é recente e surge já na Literatura Trovadoresca, na poesia de Bocage ou em peças de Gil Vicente, por exemplo, sobretudo sob efeito da ironia.

Para este estudo selecionei duas obras que me parecem bastante exemplificativas da transposição do calão para a literatura: *O Amor é Fodido* (2013) da autoria de Miguel Esteves Cardoso e *Mizé – Antes galdéria do que normal e remediada* (2010) de Ricardo Adolfo.

O Amor é Fodido foi publicado pela primeira vez em 1994 e continua a ser uma das obras mais vendidas e de maior sucesso de Miguel Esteves Cardoso. Jornalista, escritor e cronista, Miguel Esteves Cardoso tem uma longa carreira e um vasto número de obras publicadas e, atualmente, escreve diariamente para o *Público*. É editado pela Porto Editora desde 2013 que reeditou toda a sua bibliografia.

Polémico pela sua escrita – ou não fosse o título bastante sugestivo – *O Amor é Fodido* é um romance intenso e recheado de calão. Uma outra obra do mesmo autor com um título também ele controverso é *Como é linda a puta da vida* (2013).

Tal como o próprio confia com alguma ironia no Prefácio, a receção ao título de *O Amor é Fodido* (2013) sofreu algum tabu. “Lembro-me que algumas livrarias vendiam o livro embrulhado em papel castanho, para que não se identificasse o estabelecimento que o tinha traficando. Mas a maioria, devo dizer, reagiu profissionalmente e vendeu-o bem vendido, sem precisar de se fingir chocada. Nalgumas listas de vendas, porém, o romance aparecia como “O Amor é *****” – que também era um bom título.” (Cardoso, 2013:7).

Passando agora à obra em si, fiz um levantamento de todas as palavras e expressões que considere “mais calão” para perceber qual a frequência em que aparecem e a percentagem de uso. Em maior número surge, aproximadamente 27 vezes, a palavra “foder”; a palavra “caralho”, aproximadamente 20 vezes; a palavra “cu” que também aparece em expressões como “cu de puta” ou “leva no cu”, surge, sensivelmente, 19 vezes; a palavra “puta” e “fodido”, cerca de 17 vezes; tanto “cona/coninha” como “merda” aparecem, ao longo da obra, aproximadamente 12 vezes.

Em menor número, temos a expressão “que se foda(m)”, aproximadamente 10 vezes e “cabrão”, aproximadamente 9 vezes. Acrescento ainda “maminhas”, “foda-se”, “fodíamos”, “filho da puta”, entre outras, cerca de 4 a 5 vezes.

Selecionei igualmente dois excertos que retratassem não só um pouco da história da obra mas também representassem alguns dos termos do calão descritos:

“Estávamos sempre a foder, ou a recuperar, ou a prepararmo-nos para foder. Em nada afectava o nosso amor. Tanto suspirávamos como arfávamos; tanto dizíamos carinhos como palavrões; era-nos igual. A coisa funcionava sozinha. Se exigisse algum esforço da nossa parte, teria fracassado. É uma consolação que resta. O amor é fodido, mas foder também.” (p.21)

“Depois sento-me na cama desfeita e começo a rir até me lembrar da Teresa e de como ela se divertia quando eu a chamava a puta mais puta do mundo, que fode com anões e molestadores de crianças e ainda pagava por cima. Começo outra vez a chorar.

Porque é que conseguimos foder com quem não amamos? Não haverá aqui qualquer coisa de errado? Pensamos que o amor fica resguardado mas a verdade é que vai-se fodendo à medida que se fode.” (p.72)

De facto, existem excertos na obra que são bastante descritivos e podem chocar os leitores mais sensíveis a este tipo de linguagem. No entanto, é de conhecimento geral, principalmente para quem é seguidor das suas obras e textos, que Miguel Esteves Cardoso é apologista do uso de calão e dos palavrões. Um desses exemplos é o texto “Gosto muito de palavrões” presente no livro *Explicações de Portugues – explicadas outra vez* (2011), onde o autor faz uma apologia ao uso dos palavrões puros e repugna formas mais suaves como “chiça”, “vagina”, “escroto” etc por não representarem o verdadeiro significado das palavras nem a intenção por parte de quem as profere.

Retratando a vida e a linguagem dos subúrbios, *Mizé – Antes galdéria do que normal e remediada* teve a sua primeira publicação em 2006 e é um romance bem-disposto que narra a vida e as peripécias do casal Palha e Mizé. É da autoria de Ricardo Adolfo que, apesar de ter nascido em Luanda em 1974, veio para Portugal nesse mesmo ano, pouco depois da revolução dos cravos. Viveu nos arredores de Lisboa, o que lhe permite fazer um retrato fidedigno de quem lá habita, e em outras cidades como Londres ou Amesterdão. Conta já com seis obras publicadas, entre as quais *Os chouriços são todos para assar* (2003) ou *Maria dos canos serrados* (2013).

As palavras do calão presentes em *Mizé*, em comparação ao *Amor é Fodido*, não são tão variadas. Isto é, é mais frequente encontrar expressões do que palavras isoladas. Tomo como exemplo as seguintes frases: “A Mizé tinha passado de gaja boa a gaja de filmes de putas”, “o cabrão do gordo era um reles de um chulo de terceira categoria”, “mandar chatear a puta que o pariu”, “vai-te foder”, entre outras.

No entanto, surgem também termos como “foda-se” (cerca de 27 vezes); “merda”, “bela merda” ou “ca ganda merda”, aproximadamente 21 vezes; “cabrão” cerca de 8 vezes; “putéfia” por volta de 7 vezes; “puta” e “filho/a da puta” aproximadamente 6 vezes e outras palavras como “fodido”, “chulo” e “caralho”. Embora não seja calão forte, considero que “mamas” e “gajo/a” são palavras do calão Português e ambas aparecem de forma recorrente ao longo da obra.

À semelhança do que sucedeu anteriormente, fiz o levantamento de uma passagem da obra com recurso ao calão:

“- Pera aí, ainda há uma diferença entre fazer filmes de putas e fazer filmes dos outros – tentou dividir o Aurélio.

- Ai é? E qual é a diferença? – desafiou o Domingos.

- A diferença é toda, foda-se, atão se uma gaja beijar um gajo num filme isso não faz dela puta – disse o Aurélio.

(...)

Desculpa lá, uma gaja que faz um filme normal é uma atriz, uma gaja que faz um filme de putas é uma puta. E é por isso que o Palha a devia matar – concluiu o Ferreira entredentes.” (p. 131-133).

Assim, estas duas obras possuem termos do calão bastante fortes e, como vimos, em grande número, independentemente do estatuto social das personagens principais apresentadas. Em *Mizé*, é-nos descrita a imagem dos bairros dos arredores de Lisboa e dos seus habitantes, da linguagem, hábitos, profissões de quem lá vive. Por outro lado, n’*O Amor é Fodido*, Miguel Esteves Cardoso conta-nos a história de João, um sexagenário internado num lar de idosos que pensava que o amor da sua vida, Teresa, tinha cometido suicídio anos antes. Ao contrário de Palha, descrito como um simples vendedor de batatas fritas na empresa Martivos, João tinha uma casa “estilo rocóco” e gostava de “restaurantes à beira-mar”; quanto a Mizé, trabalhava no Figurino, um cabeleireiro unissexo, por oposição a Teresa que “ia abrir uma galeria de arte”.

Ainda assim, o estrato social das personagens – variação diastrática – apesar de se situar em patamares diferentes e ainda que tenha sido uma “opção” dos autores, representa em ambos os romances o carácter expansivo do calão. Ou seja, o facto de João e Teresa pertencerem a classes sociais altas não significa que usem “melhor” vocabulário e léxico do que Mizé e Palha, que pertencem a uma classe social média-

baixa. Ambos são caracterizados como personagens que usam, nos seus discursos e diálogos, palavras do calão e em variadas situações, não deixando de ser uma espécie de retrato da sociedade, para quem lê as obras.

Como tal, selecionei alguns fragmentos que demonstram o estatuto social das personagens principais. Começando por João e Teresa, em *O Amor é Fodido*:

“Gosto dos restaurantes à beira-mar quando acordamos às quatro da tarde e somos os últimos a almoçar ou os primeiros a jantar, nunca fica esclarecido. De preferência no inverno.” (p.30)

“Devia ter percebido logo pela camisola que ela era uma rapariga má – porque nunca mais a vestiu. Não me perguntem a lógica deste raciocínio, porque me escapa. Mas há algo de sinistro numa mulher que só usa roupa uma vez.” (p.45)

Quanto a Mizé e Palha em *Mizé – Antes galdéria do que normal e remediada*:

“Mas Palha não queria ser visto como alguém que morava num bairro social, porque na verdade ele só lá estava por engano do destino. Aquela morada era só um ponto de passagem até poder alugar um apartamento numa zona normal, com prédios altos, elevadores, garagens, churrascarias, centros paroquiais, telepizza, e mini-jardins com mini-vedações em forma de mini-arcos, para as criancinhas tropeçarem e partirem os queixos de cada vez que desatavam a correr mini-jardim fora.” (p.20)

Portanto, é visível a diferença de classes entre as personagens das duas obras. Contudo, e como exposto anteriormente, ambas usam palavras calão nas suas conversas e diálogos ao longo das obras. A título de exemplo:

“Quando eu e a Teresa jogamos ao “Quero que se foda” os outros doentes protestam e vem uma enfermeira ralhar-nos.

Ela começa: “Eu quero que se foda... a Pátria.”

Eu continuo: “Eu quero que se fodam os teus filhos.”

Ela: “Eu quero que *tu* te fodas.”

Eu: “Eu quero que se foda a tua mãe – olha, por exemplo, no dia em que ela morreu.”

Ela: “Eu quero que se foda o facto de eu ter fodido com o teu filho.”

Eu (quase em lágrimas): “Eu quero que o Bernardo, já enrabado por todos os matulões do Linhó, sem se lavar há um mês, te foda a ti...”

Ela (enjoada): “Isso não vale.”

Eu: “Então não fales no meu filho.”

Ela: “O teu filho, o teu filho, o teu filho! Que obsessão a tua!”

Eu (para retomar o ritmo): “Eu quero que se foda este Lar.”

Ela: “Eu quero que se foda a doente que estiver no estado mais crítico deste Lar.”

Eu desisto. É a Dona Lurdes. A Teresa é mesmo má. No outro dia, depois de eu ter dito que queria que se fodesse a poesia portuguesa, respondeu: “Eu quero que se fodam todas as formas de expressão, sejam elas escritas ou orais.” Quem é que pensa em foder coisas como estas?

Só ela. Amo-a.” (p.105)

Por fim, em *Mizé*:

“- Tu não tas a ouvir o que eu te tou a dizer? – teimou a Mizé cada vez mais alto.
– Deixa lá a merda da televisão sossegada, que eu tava a ver!

(...)

- Tu deves tar bêbado, mas o que é isto? – perguntou a Mizé perplexa. Ela sabia que Palha gostava de ver filmes com gajas nuas a comerem gajos também eles nus.

(...)

- Que é esta merda? – perguntou a Mizé.

- Isso pergunto eu! – disse o Palha.” (p.98-99)

Capítulo 4: O conhecimento do calão pelos falantes

Este capítulo debruçar-se-á sobre algumas palavras (12) do calão do PE, sobre as quais será aplicado um inquérito a dois grupos, distintos no que toca à LM: por um lado, a alunos nativos que têm o Português como língua materna; por outro, a alunos cujo Português é uma língua não materna.

4.1. Objetivos do estudo

Quanto aos objetivos do estudo, o principal é descobrir qual o (re)conhecimento que, tanto alunos nativos como alunos estrangeiros aprendentes de Português têm do calão.

O interesse principal do estudo recai sobre o grupo de falantes cuja LM não é o Português, sobretudo por ser esta a área de estudos em que o meu Mestrado se insere e para perceber se, efetivamente, no ensino de uma Língua Estrangeira (LE) se aborda este registo linguístico ou se há uma associação imediata, por parte dos alunos, a uma tradução noutra língua.

4.1.1. Metodologia

No presente estudo, foi elaborado e aplicado um inquérito (Anexos 3 e 4) a dois grupos, tal como exposto anteriormente – um a alunos nativos e outro a alunos estrangeiros, falantes aprendentes de PLN. Ambos os grupos são de alunos que encontram-se a estudar na Universidade do Minho, pelo que a variação diatópica não foi adotada como parâmetro.

Para este estudo reuni um total de 147 participantes, distribuídos entre os dois grupos da seguinte forma: 71 portugueses e 76 estrangeiros.

O inquérito em questão é constituído por questões iniciais que permitem traçar o perfil do grupo quanto à faixa etária, o género, a língua materna e aos anos de estudo de Português (no caso do inquérito aplicado a alunos aprendentes de Português). As palavras e expressões do calão em análise são as mesmas para os dois grupos em que os inquiridos devem assinalar se conhecem ou não cada uma delas, avaliarem numa escala de 1 a 4 a sua intensidade (a gradação das hipóteses, ainda que de forma abreviada,

varia entre o “Muito forte”; “Bastante forte”; “Palavra ‘forte’” e, por fim, “Palavra normal”) e indicarem, caso saibam, o seu significado.

4.2. Caracterização dos grupos

A faixa etária (Anexo 5) para o grupo nativo estende-se entre os 18 e os 38 anos, embora a faixa dominante seja a dos 19, 20, 22 e 23 anos.

A faixa etária (Anexo 6) para os alunos estrangeiros³² compreende os 19 e os 65 anos, ainda que a faixa predominante seja a dos 20, 21, 23 e 24 anos.

Quanto ao género dos participantes, responderam ao inquérito no grupo nativo 51 raparigas e 20 rapazes. No grupo dos alunos estrangeiros, 47 raparigas, 24 rapazes e 5 inquiridos não responderam.

No grupo dos alunos estrangeiros, e no que diz respeito às línguas maternas³³ dos inquiridos, a situação é a seguinte:

Tabela 1: Caracterização da LM

LM	Nº
Castelhano	1
Catalão/Valenciano	1
Espanhol	23
Alemão	2
Chinês/Cantonês/Mandarim	30
Tétum	3
Tétum e Mambae	1
Italiano	2
Turco	1
Inglês	4
Finlandês	1
Espanhol e Inglês	1
Romeno	1
Fataluco	1
Croata	1
Árabe	1
Francês	1

Em relação ao número de anos em que os falantes estudaram Português, o cenário é o seguinte:

³² Dois participantes não preencheram o espaço para indicação da Idade.

³³ Houve um inquirido que não preencheu o espaço para indicação da Língua Materna.

Tabela 2: Anos de estudo de Português

Não responderam	7 inquiridos
Menos de 1 ano	30 inquiridos
Há 1 ano	5 inquiridos
Há 2 anos	14 inquiridos
Há 3 anos	4 inquiridos
Há 4 anos	8 inquiridos
Há 5 anos	3 inquiridos
Há 9 anos	1 inquirido
Há 12 anos	1 inquirido
Há 14 anos	2 inquiridos
Há 19 anos	1 inquirido

Quanto à sua permanência em Portugal:

Tabela 3: Tempo em que vive em Portugal

Não responderam	3 inquiridos
Todos os anos vem a Braga	1 inquirido
Desde 2014	1 inquirido
Desde o 1º ano de Mestrado	1 inquirido
Desde 2015	4 inquiridos
Desde 2015 até 2016	3 inquiridos
Menos de 1 ano	35 inquiridos
Há 1 ano	13 inquiridos
Há 2 anos	12 inquiridos
Há 3 anos	2 inquiridos
Há 15 anos	1 inquirido

4.2.1. Falantes de Português como língua materna

Como exposto anteriormente, responderam ao inquérito 71 alunos que têm o Português como língua materna.

Todos os falantes nativos assinalaram conhecer as doze palavras em questão. No entanto, alguns inquiridos (11), apesar de indicarem conhecer todas as palavras e avaliarem as respetivas intensidades, não especificaram o significado de certas palavras,

o que poderá refletir algumas dúvidas ou incertezas. Por outro lado, três inquiridos apesar de conhecerem e avaliarem todas as palavras, não colocaram o significado em nenhuma delas. Ainda assim, e de uma forma global, o significado atribuído às palavras é consensual.

Quanto ao grau de intensidade/aceitabilidade das palavras, que varia entre 1 – Muito forte (nunca usaria em público), 2 – Bastante forte (só usaria numa situação muito especial, de grande discussão ou emoção), 3 – Palavra “forte” (poderia usar num contexto informal, com amigos) e 4 – Palavra normal (posso usar sem dificuldade ou vergonha social), a situação é a seguinte³⁴:

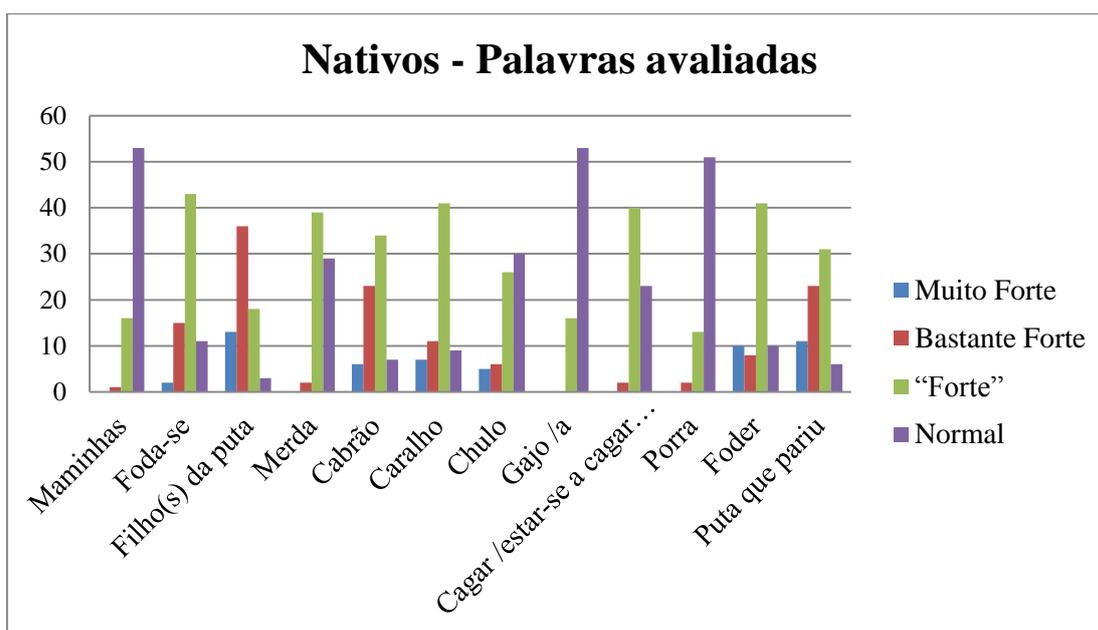
Tabela 4: Nativos – Palavras avaliadas

Palavras	Muito Forte	Bastante Forte	“Forte”	Normal
<i>Maminhas</i>	0	1	16	53
<i>Foda-se</i>	2	15	43	11
<i>Filho(s) da puta</i>	13	36	18	3
<i>Merda</i>	0	2	39	29
<i>Cabrão</i>	6	23	34	7
<i>Caralho</i>	7	11	41	9
<i>Chulo</i>	5	6	26	30
<i>Gajo /a</i>	0	0	16	53
<i>Cagar /estar-se a cagar para...</i>	0	2	40	23
<i>Porra</i>	0	2	13	51
<i>Foder</i>	10	8	41	10
<i>Puta que pariu</i>	11	23	31	6

Convertendo estes resultados para um gráfico, a perceção é a seguinte:

³⁴ Um inquirido não respondeu a *maminhas*; Um inquirido não respondeu a *filho(s) da puta*; Um inquirido não respondeu a *merda*; Um inquirido não respondeu a *cabrão*; Três inquiridos não responderam a *caralho*; Quatro inquiridos não responderam a *chulo*; Dois inquiridos não responderam a *gajo /a*; Seis inquiridos não responderam a *cagar/estar-se a cagar para*; Cinco inquiridos não responderam a *porra* e dois inquiridos não responderam a *foder*.

Gráfico 1: Resultados obtidos: Nativos – Palavras avaliadas



Assim, à guisa de apreciação global, os falantes de Português como língua materna possuem um conhecimento forte das palavras do calão do PE, uma vez que todos os inquiridos afirmaram conhecer os 12 termos e estão conscientes do seu significado e uso. Quanto à classificação e analisando o gráfico 1, nenhuma palavra foi classificada maioritariamente como pertencendo à categoria de “Muito Forte”. No nível “Bastante Forte”, apenas uma expressão – *filho(s) da puta* – sobressai no total de doze, com 36 respostas assinaladas.

Quanto à categoria de “Palavra ‘Forte’”, distinguem-se cinco das doze palavras com mais de metade das respostas: *Foda-se*, *merda*, *caralho*, *cagar /estar-se a cagar para...e foder*. Finalmente, *maminhas*, *gajo /a* e *porra* notabilizam-se como “Palavra Normal”.

Contudo, há termos que não se inserem totalmente em nenhuma das categorias. É o exemplo de *chulo* que se divide entre “Palavra Normal” (com 30 respostas) e “Palavra ‘Forte’” (com 26 respostas), *cabrão* que obtém 34 respostas em “Palavra ‘Forte’” e 23 em “Bastante Forte” e, por fim, *puta que pariu* com 31 respostas em “Palavra ‘Forte’” e 23 em “Bastante Forte”.

Por fim, no que diz respeito ao significado atribuído pelos inquiridos a cada uma das palavras ou expressões, para *maminhas*, diminutivo de *mamas*, as respostas giraram em torno de “seios”, “peito” ou “peito pequeno”, não criando dúvidas quanto ao seu significado. A segunda palavra – *foda-se* – foi considerada um palavrão. Acima de tudo,

é vista como uma expressão usada para demonstrar sentimentos negativos como descontentamento, raiva, dor, desagrado, entre outros mencionados.

A expressão *filho(s) da puta* é vista, essencialmente, como um palavrão ou insulto pois tem o intuito de ofender alguém. Por outro lado, alguns inquiridos responderam consoante o seu sentido literal – alguém que é filho de uma prostituta. Para *merda*, verificou-se uma dualidade de respostas: no seu sentido literal, “fezes”, “excrementos” ou “porcaria”; enquanto expressão, usada principalmente para demonstrar irritação, descontentamento ou quando alguma situação não corre conforme o esperado.

O termo *cabrão* é, na maioria dos casos, visto como um insulto dirigido para desaprovar alguém mau, estúpido ou com más intenções. Relativamente a *caralho*, as respostas foram amplas: alguns inquiridos consideraram ser um sinónimo de “pénis”. Outros consideraram ser uma expressão de espanto ou admiração, usado essencialmente quando estamos chateados com algo ou alguém. No entanto, surgiu ainda como “o mastro dos barcos”.

Para *chulo* as respostas foram consensuais. É sinónimo de “explorador”, “oportunista” ou “proxeneta” podendo igualmente ser o patrão das prostitutas ou alguém que vive às custas de prostitutas. No que diz respeito a *gajo/a*, as respostas são expectáveis: é o mesmo que dizer “pessoa”, “indivíduo” ou “rapaz/rapariga” embora, por vezes, num sentido pejorativo.

Em relação a *cagar/estar-se a cagar para...* as respostas foram unânimes: pode ser sinónimo de “defecar” ou sentido de indiferença perante algo ou alguém. Isto é, não querer saber de...ou não se importar com...

A interjeição *porra* foi identificada, em menor número, como sinónimo de “esperma” e, em maior número, como substituto de “foda-se” ou “merda” usado para designar desagrado ou insatisfação. Quanto a *foder*, é caracterizado como “ter relações sexuais”. Porém, surge também como sinónimo de tramar ou prejudicar alguém.

Finalmente, a expressão *puta que pariu*, é compreendida como uma interjeição de descontentamento, revolta ou desilusão que pode funcionar também como um insulto dirigido a alguém.

4.2.2. Falantes aprendentes de Português língua não materna

No grupo dos alunos aprendentes de Português, responderam ao inquérito 76 falantes – 47 do sexo feminino, 24 do sexo masculino e 5 não preencheram.

Tal como a tabela 1 indica, as duas línguas maternas predominantes são o Chinês (com 30 falantes) e o Espanhol (com 23 falantes). Os inquéritos foram distribuídos a alunos que, segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, se inserem nos níveis B1/B1+ e B2/B2+ do Português.

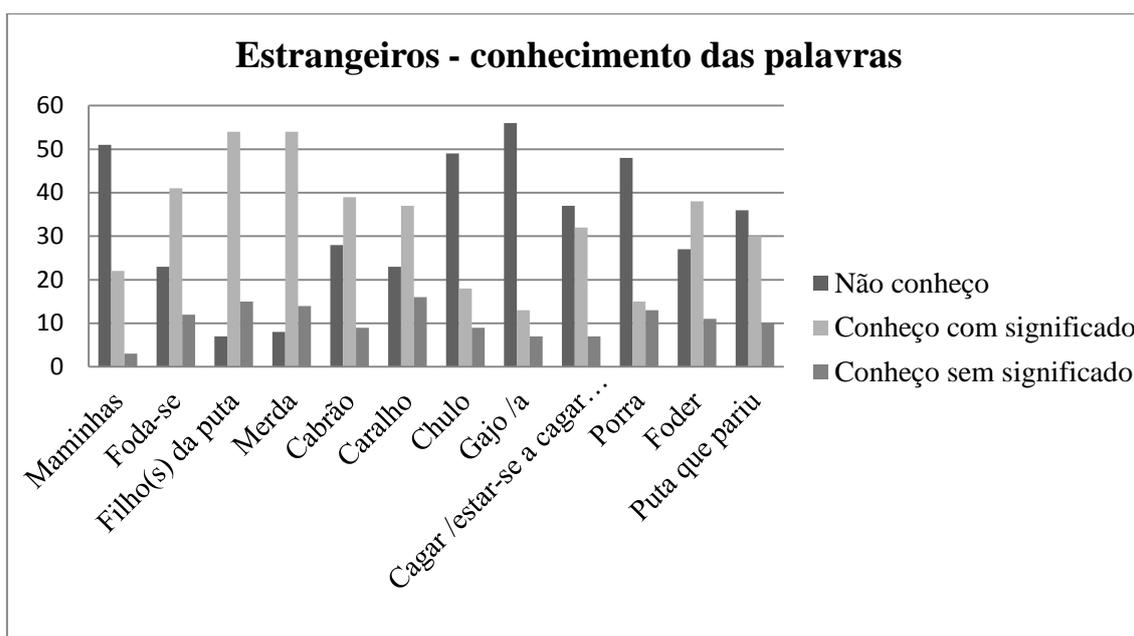
Contrariamente ao primeiro grupo onde se registou 100% de conhecimento das palavras, o mesmo não aconteceu aqui.

Tabela 5: Estrangeiros – Conhecimento das palavras

Palavra	Não conheço	Conheço com significado	Conheço sem significado
<i>Maminhas</i>	51	22	3
<i>Foda-se</i>	23	41	12
<i>Filho(s) da puta</i>	7	54	15
<i>Merda</i>	8	54	14
<i>Cabrão</i>	28	39	9
<i>Caralho</i>	23	37	16
<i>Chulo</i>	49	18	9
<i>Gajo /a</i>	56	13	7
<i>Cagar /estar-se a cagar para...</i>	37	32	7
<i>Porra</i>	48	15	13
<i>Foder</i>	27	38	11
<i>Puta que pariu</i>	36	30	10

Avaliando estes resultados num gráfico, a situação é a seguinte:

Gráfico 2: Resultados obtidos: Estrangeiros – conhecimento das palavras



Assim, à primeira vista e sem analisar o significado das palavras atribuído pelos falantes, há quatro termos que os falantes desconhecem de forma acentuada. São eles *maminhas*, *chulo*, *gajo/a* e *porra*. Curiosamente, são termos do calão “menos forte”, comparando-os com as restantes palavras.

Passando ao grau de intensidade/aceitabilidade das palavras, que varia entre 1 – Muito forte (nunca usaria em público), 2 – Bastante forte (só usaria numa situação muito especial, de grande discussão ou emoção), 3 – Palavra “forte” (poderia usar num contexto informal, com amigos) e 4 – Palavra normal (posso usar sem dificuldade ou vergonha social), a situação é a seguinte³⁵:

Tabela 6: Estrangeiros – Palavras avaliadas

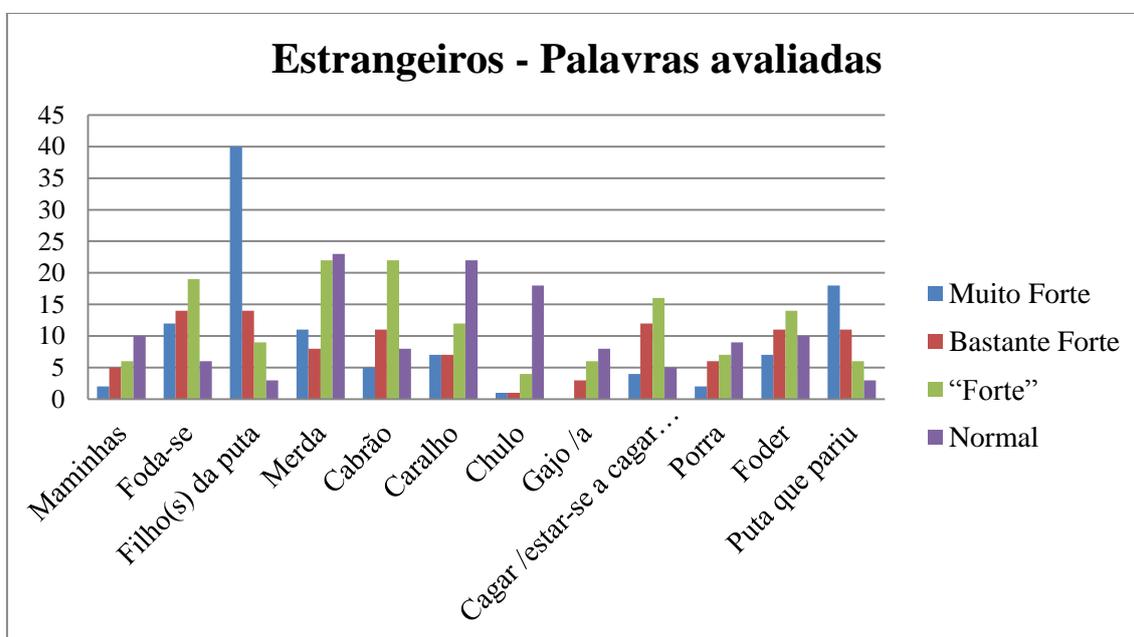
Palavras	Muito Forte	Bastante Forte	“Forte”	Normal
<i>Maminhas</i>	2	5	6	10
<i>Foda-se</i>	12	14	19	6
<i>Filho(s) da puta</i>	40	14	9	3
<i>Merda</i>	11	8	22	23
<i>Cabrão</i>	5	11	22	8

³⁵ Dois inquiridos não responderam a *maminhas*; Dois inquiridos não responderam a *foda-se*; Três inquiridos não responderam a *filho da puta(s)*; Quatro inquiridos não responderam a *merda*; Dois inquiridos não responderam a *cabrão*; Cinco inquiridos não responderam a *caralho*; Três inquiridos não responderam a *chulo*; Três inquiridos não responderam a *gajo/a*; Dois inquiridos não responderam a *cagar/estar-se a cagar para...*; Quatro inquiridos não responderam a *porra*; Sete inquiridos não responderam a *foder* e dois inquiridos não responderam a *puta que pariu*.

<i>Caralho</i>	7	7	12	22
<i>Chulo</i>	1	1	4	18
<i>Gajo /a</i>	0	3	6	8
<i>Cagar /estar-se a cagar para...</i>	4	12	16	5
<i>Porra</i>	2	6	7	9
<i>Foder</i>	7	11	14	10
<i>Puta que pariu</i>	18	11	6	3

Convertendo estes resultados para um gráfico, a percepção é a seguinte:

Gráfico 3: Resultados obtidos: Estrangeiros – Palavras avaliadas



Avaliando a tabela 6 e o gráfico 3, as expressões *filho(s) da puta* e *puta que pariu* não deixam margem para dúvidas: a primeira, é maioritariamente votada como uma palavra “muito forte” (40) e apenas 3 consideram-na uma “palavra normal”; a segunda, com 18 respostas assinaladas em “muito forte”.

Em relação à categoria “palavra normal”, destacam-se *merda*, *caralho* e *chulo*. As restantes palavras encontram-se divididas entre outras categorias.

Quanto aos significados atribuídos pelos inquiridos, começando por *maminhas*, predominam como respostas “mamas”, “tetos” ou “tits” e “peito”. No entanto, houve duas respostas que se afastaram deste padrão tendo revelado um certo desconhecimento:

um inquirido respondeu tratar-se dos “filhos que ficam sempre ao lado da mãe” e outro respondeu, simplesmente, “mãe”.

Por outro lado, as respostas para *foda-se* foram muito variadas e nem sempre acertadas: prevalece a ideia de que é o mesmo que dizer “fuck you”, “fuck off” ou “go fuck yourself”, em inglês e “jodete” ou “follar”, em espanhol; um inquirido respondeu que se trata de “ter relações sexuais” e dois afirmaram conhecer a palavra mas nunca a usaram. Estas respostas revelam que, apesar de a maioria ter assinalado conhecer a palavra *foda-se*, os significados são muito diversificados.

Contudo, houve respostas que se aproximaram do que foi respondido pelo grupo de alunos nativos. Um falante diz tratar-se de uma palavra que se “usa para queixar de coisas insatisfeitas”; outro respondeu que se usa “para expressar a emoção muito negativa” e, por fim, um falante respondeu dando um exemplo “Foda-se! Não trouxe a minha chave!”.

A expressão *filho(s) da puta* não deixa muitas dúvidas: é o mesmo que “son of a bitch” ou “hijo de puta”. Pode tratar-se de um insulto ou um palavrão e usamos quando nos queremos referir à profissão da mãe de alguém (“hijo de prostituta”).

Em relação a *merda*, os inquiridos assemelham *merda* a “shit”, “mierda” ou “cocó”. Surgem ainda respostas que indicam a finalidade, como por exemplo: “para demonstrar irritação”, “ouvi as pessoas falarem quando estavam nervosas ou na brincadeira” ou “usa-se para falar de uma coisa que não presta.”

No que diz respeito a *cabrão*, as respostas giraram em torno de “asshole”, “cabrón” em maior número e “cornudo”, ou seja, alguém cuja companheira é infiel. Porém, um inquirido considerou tratar-se de uma “mulher má”; um inquirido diz que é “como uma cabra” e outro inquirido atribuiu o sinónimo de “maricas”. Por outro lado, há quem considere que se usa esta palavra em tom de brincadeira, com os amigos.

No que toca ao significado do termo *caralho*, as respostas não são muito unânimes: sinónimo de “shit”, “pénis”, “carajo”, “fuck”, “joder”, “cojones”, etc. Um falante acha que é o órgão sexual feminino, outro diz ser um palavrão e apenas um inquirido respondeu ser “una expresión de sorpresa”.

Relativamente a *chulo*, apenas um dos dezoito inquiridos que assinalou o significado, mostrou compreender o verdadeiro significado da palavra respondendo que se trata de alguém que “exploita a puta, que no tem vergonha”.

Os poucos inquiridos que indicaram o significado de *gajo/a*, remetem-no para pessoa, “guy/girl”, “o homem/a mulher”, “dude”, etc, embora um inquirido acha que se

trata de “homossexual” e outro respondeu ser “la parte de um ajo, manzana o naranja”, fugindo completamente ao significado real.

No que concerne a *cagar/estar-se a cagar para...*, o significado indicado não foge muito ao expectável: é o mesmo que “defecar” ou “fazer cocó”, ainda que alguns relacionem a “mandar a la mierda” ou “se faire chier”. Outros consideram que “é como dizer ‘não estar ligando...’” ou “non dar importância, no respeitar”.

Para a interjeição *porra*, um inquirido respondeu recorrendo a um exemplo “Porra! Dói-me imenso a cabeça”. Outros inquiridos responderam que usam esta palavra quando estão chateados, embora alguns associem *porra* a “fuck”, “damnit” e “pénis”.

Quanto a *foder*, dos 38 inquiridos que afirmaram conhecer e assinalaram o seu significado, as respostas rondaram “fazer ou ter sexo”, “joder /molestar”, “follar”, “copular”, etc.

Por último, alguns falantes indicaram o sentido literal da expressão *puta que pariu* – é “um mal nascido”, “a mãe que tem uma profissão particular”, “bitch that gave birth” e “puta que te parió”. Foi indicado que pode também significar um palavrão, má palavra ou quando nos queremos “meter com alguem, diciendo que su madre es una puta”.

4.2.3. Fatores extralinguísticos

Feita a análise das palavras, dos seus significados e usos, é igualmente importante perceber se fatores extralinguísticos como a idade, a língua materna dos falantes, o tempo (meses ou anos) em que estudam Português e o número de anos de permanência em Portugal são influenciadores das respostas dos inquiridos.

Na casa dos 20 anos, há seis falantes que estudam Português há 2 anos. Duas falantes revelam não conhecer nenhuma das palavras; uma não conhece sete palavras e outras duas falantes assumem desconhecer oito palavras. Contudo, há uma falante que se destaca pois apenas desconhece duas palavras (*chulo* e *gajo/a*).

Na verdade, a língua materna destas seis falantes é o Chinês. No entanto, apenas duas alunas vivem em Portugal há mais de um ano – a aluna que não conhece apenas duas palavras e uma das alunas que não conhece oito das doze palavras.

Por outro lado, há uma falante que estuda Português há 14 anos e vive em Portugal há 2. Embora tenha atribuído a *maminhas* e *chulo* um significado

completamente diferente do esperado, admite conhecer todas as palavras. Portanto, o fator determinante será o número de anos em que o falante está exposto, em contexto de imersão, à língua de aprendizagem.

Destaco também o caso de dois falantes, um do sexo masculino e outro do sexo feminino que, apesar de estudarem Português apenas há menos de 1 ano, conhecem metade (6) das palavras. Contrariamente, temos uma falante que, embora estude Português há 4 anos, não conhece oito palavras ou expressões.

Quanto às línguas maternas, os dois primeiros inquiridos têm o Espanhol como LM. Já a segunda aluna tem o Chinês, língua afastada do Português. Isto demonstra que é a semelhança entre o Português e o Espanhol e a diferença com o Chinês, a principal causa do conhecimento ou desconhecimento do calão.

Temos também uma falante que estuda Português há 5 anos, vive em Portugal há 3 anos e apenas desconhece quatro palavras, embora uma delas (*puta que pariu*) lhe é familiar. Sem dúvida que o número de anos de aprendizagem da língua é, novamente, fator determinante.

Uma falante tem 47 anos, estuda Português há 5 anos, vive em Portugal há menos de 1 ano e não conhece nenhuma palavra. Logo, o maior contacto que teve com a língua portuguesa foi no seu país de origem, o que revela que é o contacto de imersão que facilita a aprendizagem do calão e não o estudo formal da língua.

Por outro lado, um falante estuda Português há 9 anos, vive em Portugal há 2 anos e apenas não conhece três palavras. (*maminhas, chulo e gajo/a*).

De uma forma global, o tempo de exposição à língua de aprendizagem, em ambiente de imersão, é determinante principalmente se for superior a dois anos. No entanto, há situações em que a aproximação linguística pode jogar a favor dos falantes que estudam Português há pouco tempo, como é o caso do Espanhol.

Capítulo 5: A presença do calão em aulas de PLN

Face aos resultados referidos no capítulo anterior (cf. 4.2.2.), em que a maioria dos alunos, cuja língua materna não é o português, revelou um certo desconhecimento acerca das palavras e expressões que fazem parte do calão português, pode ser relevante pensar se o conhecimento do calão em aulas de PLN deve ser inserido ou se traz vantagens para o aprendiz e de que forma poderá ser ensinado.

Em primeiro lugar, creio que o estudo do calão em aulas de PLN pode ser um instrumento útil para os discentes, pois é uma forma de ficarem a conhecer outras realidades da língua-alvo e não se restringirem apenas à normativa. É comum dizer-se que as primeiras palavras que aprendemos numa língua estrangeira são sempre os palavrões e as asneiras. Na verdade, segundo Geraldine Horan (2013) “There exists the cliché that native and non-native speakers alike share a ludic delight in learning taboo language; anything that is seen as ‘rude’ or ‘dangerous’ is immediately of interest.” (Horan, 2013:289).

No entanto, é importante que o aluno saiba os contextos onde e quando estas palavras podem ser usadas para não cair no erro de ofender ou ser desagradável em determinada circunstância. Portanto, a principal função do professor de línguas será a de informar e contextualizar sobre as possíveis variações situacionais e a utilização do calão. Ainda segundo a mesma autora, “A non-native speaker using a particularly strong swear word may not necessarily be aware of its impact or sensitive to just how offensive it is on a scale of taboo words.” (Horan, 2013:290).

Mais adiante, apresentarei uma proposta de texto para uso com base em materiais autênticos que, no meu entender, podem ser úteis no “ensino” do calão, assente nos níveis e competências da língua dos falantes.

5.1. Ensino e níveis comuns de referência

A escola desempenha várias funções na formação e educação da pessoa humana. Por ser uma instituição social, articula as técnicas de ensino com práticas de inserção social e deve habilitar o aluno não só para o mercado de trabalho, como qualificá-lo para a vida.

Mais restritamente, no ensino de uma língua, quer materna quer estrangeira, é papel da escola e do professor de língua ensinar, em primeiro lugar, o português padrão,

enquanto língua dominante, mas é igualmente importante ambientar o aluno com diferentes registos e variedades linguísticas pois será uma realidade com que ele se vai deparar ao contactar com situações reais de comunicação. A este respeito, Preti afirma

“Talvez coubesse aos professores de língua vernácula, na escola, iniciar a reação necessária, orientando o uso das variações linguísticas adequadas às várias situações sociais, preservando a linguagem culta, o que não os impediria em momento algum de compreender o valor afetivo da gíria e do “palavrão”, como fenómenos reais da linguagem popular em todas as épocas”. (Preti,1984:43)

Segundo Teixeira (2008), cabe ao professor explicar aos alunos de “que há contextos e finalidades sócio-linguísticas diferentes e que por isso mesmo devemos dominar mais do que um registo ou nível linguístico.” (2008:10³⁶).

Desta forma, o professor de línguas tem o dever de esclarecer os alunos de que há contextos que requerem um modo diferente de falar e que nem tudo é adequado em todas as situações de comunicação. É neste contexto que se insere o calão. No entanto, é necessário fazer reflexões prévias sobre este assunto que se traduzem em duas questões essenciais: a que níveis deve ser ensinado e em que âmbito deve ser inserido.

No ensino de uma LE e no que toca aos níveis comuns de referência, o estudo do calão deverá ser incluído, na minha opinião, nas aulas dos níveis que, segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR³⁷), se definem como B e C – designados “Independente” e “Proficiente”, respetivamente. O nível B divide-se em “Limiar” (B1) e “Vantagem” (B2) e o nível C em “Autonomia” (C1) e “Mestria” (C2).

Deixo assim de fora o nível “Elementar” (A), uma vez que o conhecimento da língua por parte dos falantes deste nível é ainda muito diminuto e não fará sentido englobar esta componente nas suas aulas. De facto, os falantes que se inserem no nível A possuem conhecimentos simples e básicos sobre a língua e a sua gramática, debruçando-se em aspetos como o de fornecer informação pessoal, expressar-se sobre a sua família, rotinas do dia a dia, etc.

Mais restritamente, a presença do calão em aulas de PLNM poderá ser explorado nos níveis B2 e C1, por considerar que os aprendentes deste nível de proficiência revelam um bom domínio em várias áreas da língua, permitindo-lhes trabalhar e contactar com outros usos da língua, quer na oralidade quer na escrita.

Assim, a uma escala global, o falante do nível B2

³⁶ Diz respeito à página do artigo consultado na Internet, cuja paginação não é a mesma do artigo impresso.

³⁷ Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/quadro_europeu_comum_referencia.pdf

“É capaz de compreender as ideias principais em textos complexos sobre assuntos concretos e abstractos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade. É capaz de comunicar com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte. É capaz de exprimir-se de modo claro e pormenorizado sobre uma grande variedade de temas e explicar um ponto de vista sobre um tema da actualidade, expondo as vantagens e os inconvenientes de várias possibilidades.” (QECR, 2001:49).

Quanto ao falante do nível C1, assume-se que seja

“capaz de compreender um vasto número de textos longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos. É capaz de se exprimir de forma fluente e espontânea sem precisar de procurar muito as palavras.

É capaz de usar a língua de modo flexível e eficaz para fins sociais, académicos e profissionais. Pode exprimir-se sobre temas complexos, de forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão do discurso.” (QECR, 2001:49).

De forma a complementar estas competências, o conhecimento do calão pode ser importante, por exemplo, para os falantes compreenderem “textos longos e exigentes” onde eventualmente surja vocabulário calão. Estes textos não têm de ser necessariamente escritos, podem ser filmes, músicas, conversas etc, em que os alunos necessitem de ter outros conhecimentos dos usos da língua, como o calão.

Para se exprimirem sobre determinados assuntos, em aulas de conversação, por exemplo, o tema do calão poderá ser necessário.

5.1.1. Competência sociolinguística da língua e calão

No que diz respeito ao ensino das competências de uma língua, o QECR (p. 31-35) apresenta-nos dois tipos – as competências gerais e as comunicativas. Das competências gerais individuais fazem parte o conhecimento declarativo, a competência de realização, a competência existencial e a competência de aprendizagem. Em relação à competência comunicativa, esta inclui a componente linguística, sociolinguística e pragmática.

Desta forma, o calão poderá ser estudado dentro da competência sociolinguística da língua. Segundo o QECR, a competência sociolinguística

“diz respeito ao conhecimento e às capacidades exigidas para lidar com a dimensão social do uso da língua. Como já foi sublinhado para a competência sociocultural, uma vez que a língua é um fenómeno sociocultural, muito do que é apresentado no QECR, especialmente no que diz respeito ao sociocultural, é relevante para a competência sociolinguística. Os assuntos aqui tratados são os que se relacionam especificamente com o uso da língua e não são tratados noutra lugar: os marcadores linguísticos de relações sociais, as regras de delicadeza, as expressões de sabedoria popular, as diferenças de registo, os dialectos e os sotaques.” (QECR, 2001:169).

Assim, seria pertinente englobar tanto nas expressões de sabedoria popular, como no estudo das diferenças de registo, noções de palavras que se integram no calão do Português Europeu. De acordo com o QECR (p.171), das expressões de sabedoria popular fazem parte, entre outros, os provérbios e as expressões idiomáticas. Logo, não seria erróneo expandir estes conhecimentos à aprendizagem do calão, até porque poderia ser uma mais-valia para os aprendentes da língua, especialmente ao nível da componente cultural e sociocultural, uma vez que a língua portuguesa é bastante rica e tem um vasto “património” no que toca ao calão.

Aprender uma língua nova é enriquecedor tanto ao nível das estruturas mentais como do aumento dos conhecimentos a nível cultural por parte do aluno. Para além das habilidades linguísticas, aprender uma língua não materna (LNM) implica apreender uma cultura distinta da nossa, em que o aprendente transpõe a sua cultura nativa com a nova cultura adquirida. Portanto, mais do que uma necessidade, a presença do calão é também uma característica cultural do nosso país.

Ainda sobre este tema, o QECR apresenta a tabela da adequação sociolinguística do falante (p.173) em que, apenas a partir do nível B2 se diferencia o registo formal do informal de acordo com determinada situação, em contrariedade ao B1 em que o registo adotado é o neutro. Quanto ao nível C1, e de acordo com o QECR, assume-se que os falantes reconheçam expressões idiomáticas, coloquialismos, mudanças de registo e ainda, sejam capazes de ver filmes “nos quais surja uma quantidade considerável de calão e de usos idiomáticos”.

Torna-se então necessário selecionar e criar métodos pedagógicos adequados ao ensino dos alunos em contexto de sala de aula, inovando e diversificando nos materiais a serem utilizados, ajudando-os a adquirirem as competências acima descritas e, em particular, a competência sociolinguística.

Contudo, aprender particularidades de uma língua com base exclusiva no professor, no ensino da gramática normativa e na leitura de textos em voz alta não é suficiente. Desta

forma, o ensino deve ser centrado no aluno e é necessário, aquando da aprendizagem de uma língua estrangeira, que este entre em contacto com a LE de uma forma direta, genuína e real e a melhor forma de o fazer é através de textos autênticos.

Portanto, o ensino com base na gramática deve ser limitado pois é igualmente essencial criar exercícios que permitam ao aluno perceber que a língua é útil a vários níveis e pode ser utilizada para vários fins comunicativos.

Assim, é extremamente importante escolher o tipo de texto a usar tendo em atenção fatores como o perfil do aluno, a idade, o nível de língua e conhecimentos sobre a mesma, as necessidades linguísticas, os objetivos e programas do curso etc, criando uma grande proximidade com a língua em estudo.

Segundo Cassany et al (2005) devem ser usados, nas aulas de língua, os seguintes materiais curriculares:

- *“los textos reales*: todos aquellos textos que se nos presentan en la misma forma en la que son usados: postales, cartas, publicidad, folletos explicativos, etc.

- *la prensa*: periódicos, revistas, publicaciones periódicas en general

- *audiovisuales*: rádio, televisión, grabaciones reales en casete o cinta de vídeo, películas, etc.

- *material de biblioteca*: en su doble vertiente de lectura literaria o de libro de consulta (diccionarios, enciclopedias, gramáticas, etc.)

- *material elaborado por los maestros*

- *cuadernos* editados que trabajan un aspecto o más de la lengua (ortografía, expresión escrita, etc.

- *libros de texto*: entendidos como un recurso, una ayuda, eligiendo siempre el que nos deje mayor capacidad de maniobra y adaptación a las necesidades diversas de los alumnos.” (Cassany et al, 2005:73).

5.2. Textos autênticos

No que ao calão diz respeito, a melhor forma de o introduzir em aulas de PLN é através do auxílio de materiais autênticos, pois é possível colocar o aprendente de uma LE em contacto com o uso real da língua.

Por textos autênticos entende-se aqueles que são o espelho da realidade da língua, apresentando a linguagem que é utilizada em situações reais, ou seja, não vêm usualmente em livros didáticos e não foram feitos para serem ensinados em contexto de aula, mas podem ser usados com essa finalidade, principalmente para os alunos se familiarizarem com aspetos novos como o humor e o calão, no nosso caso. Por serem

autênticos, não são manipulados, simplificados ou adaptados trazendo, desta forma, vantagens para os alunos.

Segundo Cassany et al (2005), os “textos autênticos son comunicativos, contienen un lenguaje vivo y actual, tratan de temas corrientes, etc”, ao contrário dos textos preparados que “no tienen la genuinidad y espontaneidad de los primeros, y, forzosamente, se apartan del uso vivo de la lengua.” (Cassany et al, 2005:342).

Os textos autênticos, que tanto podem ser orais como escritos, têm que ser adequados ao nível de língua, à idade e às necessidades do aprendente e não pretendem trabalhar apenas questões linguísticas específicas, mas também elementos identificadores da cultura de um país. São exemplos de textos autênticos, jornais, revistas, emissões de rádio e tv, músicas, filmes, publicidade, banda desenhada, listas comerciais, artigos, entre outros.

Ora talvez seja este o meio mais adequado para trabalhar o calão em aulas de PLNM, de uma forma objetiva e direta, sem retoques e manipulações, ao contrário do texto literário que, apesar de também poder ser usado como texto autêntico, dificilmente será tão fidedigno. No entanto, e ainda que seja uma parte significativa da nossa língua e cultura, o calão deverá ser apenas estudado no momento certo e com os materiais adequados.

5.2.1. Materiais autênticos selecionados

Para esta proposta, selecionei materiais autênticos orais e escritos criando, desta forma, uma maior diversidade para o aluno tanto a nível do tipo de material a ser usado bem como do léxico variado, que vão desde filmes a letras de músicas. Por se tratar de uma hipotética sugestão, não foi aplicada numa situação real mas segue os parâmetros acima definidos: a ser aplicado às turmas dos falantes dos níveis B2 e C1, enquadrado na componente sociolinguística da língua com o objetivo de desenvolver as capacidades linguísticas e culturais do aprendente, ao nível dos registos de língua e da sua utilização em contextos reais.

Primeiramente, seria importante o professor de línguas introduzir, nas aulas de PLNM, a noção de calão, indicar algumas das palavras que fazem parte do calão Português e explicar em que contextos podem ser usadas. Desta forma, os alunos aprendentes de PLNM ficam conscientes do seu significado e uso, quebrando com barreiras linguísticas e sociais. De acordo com Geraldine Horan (2013), é importante

introduzir vocabulário calão e potencialmente ofensivo em aulas de língua estrangeira, principalmente porque

“many non-native speakers (particularly the younger generation) are exposed to vulgarisms and taboo language through song lyrics, English-language television and new media, which gives many of them the impression that English speakers use taboo language much more than they actually do” (Horan, 2013:291).

5.2.1.1. Música

Passando então aos materiais selecionados, na categoria da música, não foi fácil encontrar letras que tivessem um vasto número de calão. Isto é, embora o calão atualmente esteja muito presente e associado à cultura do *hip-hop*, muitas das músicas escritas e cantadas em português vão buscar termos ao calão inglês³⁸. No entanto, destaque para esta proposta a música *Pitas Querem Guito*³⁹ do grupo nacional 5-30.

O título desta música é bastante ilustrativo – Pitas Querem Guito – e é uma faixa do álbum homónimo 5-30 (2014) que entra no domínio do chamado *hip hop tuga*⁴⁰. Esta letra revela um número considerável de palavras e expressões de calão, embora umas mais fortes do que outras, com destaque para: “bué moral”, “pitas querem guito, sócios querem pito”, “de pau feito”, “fodem”, “manos pensam com a pila”, “tusa”.

Assim, um possível exercício assentaria na audição da música acompanhada pela leitura da letra⁴¹, de modo a facilitar o processo:

“Sam The Kid:
Canta o som, para que a moca baze
Nova sombra, retoca a base
Lá fora há uma hipótese que ela aguarda
Ela vê guita nova da velha guarda
Ela vê ao dispor muitos dividendos
Basta pôr os atributos evidentes
Chega à hora e ela beija a amiga à frente
Agora peito pra fora e encolhe a barriga para dentro

³⁸ Um desses exemplos é a faixa "Nivea" disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VAJHEEC4rbo>

³⁹ Faixa *Pitas Querem Guito* do álbum 5-30. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tNtkbZn7HaQ>

⁴⁰ Variação do *hip-hop* de Portugal, de origem africana que chegou a território nacional na década de 1980.

⁴¹ Disponível em: <http://www.mysound-mag.com/2014/03/5-30-ft-sam-kid-pitas-querem-guito.html>

Bora!
Fogo no gargalo, jogo não verbal
A atenção do clarão vem com intenção de afirmá-lo
Potencial limpeza e ela pensa em abordá-lo
Com firmeza e bué moral, tem a presença dum cavalo
Olhares já cruzam, vão na mesma direção
Ela bebe uma mistura de inveja e admiração
De copos no ar trocam sinais
Ele convida-a para junto dele e tropas ocasionais
Roça-lhe o rabo gigantesco
Ela sabe a grana do seu parentesco
Muita riqueza na mesa
à grande e à francesa atrai
E tu vês o desprezo quando a despesa cai
Com a paca na mão dele ela ostenta o maço
Ele abanca na poltrona ela senta no braço
E todos os dias a malta bebe, é um réveillon
Enquanto ela espera com ânsia de o ver no Sheraton
Todos bronzeados e efusivos
Ela anda rodeada de adesivos
É só parolos e labregos, em controlos e arregos
Entre golos e mais golos que vão pô-los a dar gregos
Bebe mais um shot, é o rei dos morcegos
Doze são os bodes e hoje trouxe um Mercedes
Sujeita quando ele beija-lhe o pescoço, um convite
E ela não rejeita um pingo doce numa suite

Essa mão dada, foi comprada
Com Gucci, com Prada
Se ela pede e não aparece nada
Amanhã amanhece com o teu brother (x2)

Carlão:
Pitas querem guito
Pitas querem guito
Pitas querem guito
Pitas querem guito

Carlão:

Pitas querem guito, sócios querem pito
Tudo subentendido nem é preciso ser erudito
Esquece a moral ninguém a tem para a troca
Esquece o amor ideal senão a coisa fica choca
E ele não quer sequer pensar em ir por aí
Quer ir por outro lado deitado na horizontal
Anel de noivado comprado e ela bateu mal
De pau feito foi rasgado o acordo pré-nupcial
Pitas querem, podem, fazem e acontecem
Ferem, fodem e quase nunca esquecem
Manos pensam com a pila e fingem não ver nada
Conta bancária dança, dá-lhe uma lambada
Felizes para sempre enquanto houver dinheiro e tusa
Ela usa e ele abusa, compra mais uma blusa
Trata do troféu enquanto o tempo permite
Se a idade não perdoa ele logo o admite.”

Depois, seria importante explicar alguns termos que os falantes desconhecem, o valor de cada palavra considerada calão e o grau em que se inserem, uma vez que uns termos são mais fortes (por exemplo, *pito*, *pau feito*, *fodem e tusa*) do que outros. Isto é, um dos aspetos a considerar é o facto da linguagem utilizada não ser a normativa e, portanto, haver diferenças de registo. Por outro lado, é necessário esclarecer o que cada palavra calão poderá significar e em que contextos podem surgir.

Assim, este exercício poria os aprendentes em contacto não só com parte da cultura musical de Portugal, mas também com alguns termos do calão do PE.

5.2.1.2. Cinema

No que toca ao cinema, a escolha é mais diversificada. De facto, alguns filmes portugueses possuem uma linguagem que revela calão e as opções recaem sobre o filme “A Gaiola Dourada” (2013), pois permite estudar, além de questões linguísticas, também questões culturais e de identificação de um povo; e algumas partes do filme “Os gatos não têm vertigens” (2014), por retratar o calão de forma muito natural.

O filme *A Gaiola Dourada* (2013) foi escrito e realizado pelo luso-francês Ruben Alves e descreve a vida de um casal de portugueses, Maria e José e da sua família emigrados em França há mais de 30 anos. A visualização deste filme é um bom exercício para os alunos de PLNM contactarem com aspetos da nossa cultura ainda que a história seja vivida num país que não Portugal. Este filme retrata a comunidade de emigrantes que residem em França (em Paris, no caso) e coloca em destaque símbolos da nossa cultura como o bacalhau, a música portuguesa também conhecida como o "pimba" (Quim Barreiros) em contraste com o fado, a bandeira portuguesa ou o cachecol de Portugal pendurados no carro, bem como a camisola da seleção nacional de futebol que as crianças vestem. Aliado a estes aspetos, aparece no filme o calão descomplicado proferido sobretudo pelo ator que desempenha o papel de Carlos.

Apesar de estar presente no filme e ser uma das formas de referir linguagem informal, o calão representado não vai muito além de expressões mais típicas como “vai à merda”, “caralho, pá”, “caralho me foda” ou “foda-se, pá”. Uma das passagens do filme mais cómicas neste âmbito passa-se num almoço de família português – minuto 12 –, em que os gémeos da família Bertrand que ficaram a cargo de Maria, repetem, à mesa, o calão que costumam ouvir e aprender com Carlos. Com pronúncia francesa exclamam, para espanto dos restantes, “merda”, “caralho” e “filho da puta”, ao qual Carlos responde que assim, as crianças passam a ser bilingues, brincando com a situação.

Com certeza que este filme põe em evidência muitos hábitos e costumes da nossa cultura, trazendo conhecimentos para os alunos adquirirem e é um bom modelo de uma família tipicamente portuguesa. Portanto, um exercício possível seria passar o filme, selecionar as cenas com calão e, à semelhança do que sucedeu com a música, explicar o valor e o grau de calão das palavras. Seria também pertinente diferenciar ou contrapor os termos que surgiram, tanto na música apresentada como neste filme, para os falantes adquirirem um conhecimento mais amplo do calão. Isto é, uma vez que o calão se estende a vários níveis, é importante fazer uma distinção entre eles.

Para além da linguagem, e em contexto de aula, a visualização deste filme pode levar a uma reflexão/debate sobre os fluxos migratórios, a globalização das línguas ou ainda sobre as diferenças culturais entre várias nações e povos.

Quanto ao filme *Os gatos não têm vertigens* (2014), foi realizado por António-Pedro Vasconcelos e conta a história de Jó e Rosa. No dia em que completa 18 anos, Jó é expulso de casa pelo próprio pai e ignorado pela mãe que vive com outra família. Sem

sítio para passar a noite, refugia-se no terraço de Rosa, uma senhora de 73 anos que enviuvou recentemente de Joaquim, cuja perda se torna difícil de lidar. Aos poucos, nasce uma amizade e uma cumplicidade entre eles, incompreendida por todos os que os rodeiam.

A linguagem utilizada no filme assenta bastante no calão, sem rodeios e tabus linguísticos, adotada por quase todas as personagens ao longo do filme. Poderia selecionar várias cenas, como por exemplo, as conversas entre Jó e o pai, mas sublinho a título de exemplo, um diálogo – minuto 16 – entre Fintas, James e Jó:

“- Fintas: Deixa-me ficar com o anel.

- James: Shiu... ficas mas é com o caralho.

(...)

- James: Nem sequer fodes.

- Fintas: Não fodo o quê, meu?

- James: Fodes mas é com a tua mão direita, puto. Shiu. Foda-se 20 euros ó caralho. Foda-se, não tem mais nada também!

(...)

- James: Foda-se, se eu vejo as notícias? Tás a gozar comigo meu? Tou-me a cagar, chavaló. Eu quero é que os velhos se fodam, foda-se.”

Este filme é mais um bom exemplo do carácter expansivo do calão. Uma vez que, no decorrer de todo o filme, surgem várias palavras e expressões de calão, seria pertinente aquando da visualização do mesmo, pedir aos alunos para elaborarem uma lista daquelas palavras que encontraram ou consideram calão. Desta forma, este exercício permite, ao professor, perceber se os alunos, no decorrer das aulas e com o exemplo dos materiais autênticos anteriores, conseguem identificar termos do calão.

Depois, tal como ocorreu anteriormente, seria importante explicar o valor e o grau de calão das palavras que aparecem ao longo do filme, incluindo a cena selecionada. No final do tópico, os alunos podem elaborar um glossário com várias palavras e expressões que aprenderam no desenrolar das aulas.

Considerações finais

Pesquisar e trabalhar sobre o tema do calão não se revelou uma tarefa fácil mas tornou-se, no final, muito desafiante sobretudo por ser um assunto interessante mas pouco abordado em Portugal.

De um modo geral, foi possível observar com a ajuda de dicionários de calão que, embora algumas palavras do calão existam há muitas décadas, muitas outras foram surgindo ou evoluindo o seu significado ao longo dos tempos, uma vez que a língua é mutável e não permanece estática. Ao nível das variações linguísticas, o calão insere-se na variação diastrática e diafásica da língua pois é associado, talvez preconceituosamente, a falantes oriundos de meios sociais mais desfavorecidos e com baixos níveis de instrução, talvez por ser um registo linguístico considerado por vezes um pouco deselegante e usado em situações de maior informalidade. No entanto, creio que se trata de um registo que pode ser usado por todos os falantes, dependendo sempre do contexto e do grau de proximidade dos intervenientes.

Embora se afaste da norma padrão da língua e seja ainda um assunto tabu, outra constatação que este estudo permitiu fazer é que, há, de facto, uma maior abertura e uma aceitação cada vez maior em relação ao calão. Contudo, é comum associar-se o conceito de calão a gíria quase como sinónimos. Isto é, dificilmente encontramos uma diferenciação exata destes dois termos, ainda que, para mim, são bastante diferentes no que toca ao vocabulário.

Sublinho ainda, como aspetos dignos de atenção, as várias representações do calão na forma escrita. O calão, pelo menor rigor que a fala apresenta, é utilizado com maior facilidade na linguagem oral. Contudo, com o estudo realizado em três vertentes diferentes – redes sociais e outras plataformas, comunicação social na *internet* e duas obras de autores contemporâneos portugueses, podemos afirmar que se tem expandido também à escrita, ainda que nem sempre surja escrito por extenso mas utiliza várias estratégias.

De facto, ao nível das redes sociais (“caixas de comentários” de notícias retiradas do *Facebook* dos jornais) e de outras plataformas interativas (“caixas de comentários” de vídeos do *Youtube* ou textos presentes em blogues), o calão surge representado tanto por extenso como disfarçado de diversas formas. Isto é, por um lado é comum depararmo-nos com muitas palavras do calão escritas por extenso e algumas delas reforçadas de inúmeras formas: escritas em maiúsculas, com reticências, com repetição

ou reduplicação de vogal final, com prolongamento de sílaba e, por fim, em maiúsculas com reduplicação da vogal final.

No entanto, muitas outras são censuradas pelo próprio falante, impróprias ou proibidas pelos padrões sociais e, desta forma, usam-se inúmeras técnicas para disfarçar ou atenuar a expressão em causa, como por exemplo: palavras disfarçadas com asteriscos (*) a substituir cada uma das letras em falta; palavras que utilizam diversos símbolos numa representação quase exata das letras; usar a letra de início de cada palavra para formar quase que uma sigla; representação da palavra apenas pela sílaba inicial; disfarce por paronímia fónica e gráfica e, por fim, a representação quase total da palavra, ficando de fora, na maioria dos casos, apenas uma letra ou uma sílaba.

O mesmo não se revela na comunicação social, sobretudo porque existem, na maioria dos jornais, regras de conduta/estilo a serem cumpridos aquando da publicação. Portanto, os meios de comunicação social abordam o calão de uma forma mais conservadora, evitando fazer uma transcrição total das palavras, sobretudo ao nível das expressões de “mais fortes”, apesar de haver algumas exceções.

Por outro lado, as duas obras literárias escolhidas revelam uma grande presença e variado nível de calão, todo escrito por extenso, corroborando a ideia de que o calão se tem expandido não só ao processo escrito quotidiano, mas também ao género literário.

Com os resultados obtidos no capítulo 5 através da análise dos dados recolhidos pela distribuição de um inquérito a dois grupos distintos, foi possível constatar que os alunos nativos possuem um forte conhecimento das palavras do calão do Português Europeu apresentadas e estão conscientes dos seus significados e usos. Por outro lado, o grupo dos alunos aprendentes de Português língua não materna não só desconhecem algumas das palavras, como criam dúvidas em relação a outras que possam conhecer. Isto é, não são exatamente claros nas suas respostas principalmente no que toca ao significado atribuído a certas palavras.

Por outro lado, foi igualmente essencial perceber se certos fatores extralinguísticos influenciam o conhecimento de palavras do calão por parte dos falantes. Os fatores que se destacaram foram o tempo de exposição à língua de aprendizagem, em ambiente de imersão e, em certas situações, a aproximação linguística pode ajudar os falantes que estudam Português há pouco tempo, como é o caso do Espanhol.

Assim, tornou-se relevante pensar se o calão deverá ser incluído, ainda que na componente sociolinguística da língua, em aulas de PLNM com o intuito de os alunos

conhecerem outros registos linguísticos e não se confinarem exclusivamente à norma padrão da língua. Desta forma, a minha proposta recai sobre poder usar o calão nas aulas dos alunos que, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, se situam nos níveis B e C – independente e proficiente, respetivamente. No entanto, como exposto anteriormente, o calão poderá ser incluído, entre outros registos e variações linguísticas, dentro da competência sociolinguística da língua, através da utilização de textos autênticos previamente selecionados pelo professor de língua, de acordo com as necessidades dos alunos no que respeita, como mencionei, aos níveis em que deve ser ensinado e em que contexto pode ser inserido.

A nível pessoal, este estudo permitiu-me perceber que o calão nem sempre é levado com a devida seriedade pois assisti a diferentes reações por parte das pessoas com quem contactei. Por um lado, houve quem ficasse “chocado” com o tema, ridicularizando um pouco a situação; por outro, observei um verdadeiro interesse em relação ao tema e uma consciência de que, de facto, o calão faz parte da nossa língua e cultura enquanto país, e como é uma das áreas da Sociolinguística deve ser encarado com naturalidade e não com preconceito.

Em relação aos alunos falantes de PLN, apercebi-me que este é um tema que lhes desperta alguma curiosidade e interesse. Logo, o facto de estarem a aprender uma língua nova – o Português, no caso – incita-os a descobrir outros registos linguísticos para além do canónico ou normativo.

Na verdade, segundo Orsi & Zavaglia “conhecer e dominar uma língua, do ponto de vista sociolinguístico, significa não só ter a capacidade de produzir frases gramaticalmente bem formadas, mas também ter condições de usá-las de maneira apropriada às situações”. (Orsi & Zavaglia, 2012:164).

Bibliografia

ADOLFO, Ricardo. *Mizé – Antes galdéria do que normal e remediada*. 1.^a ed.[s.l.]. Alfaguara Portugal. 2010. ISBN: 9789896720278

BAGNO, Marcos. *O preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49^a ed. São Paulo: Edições Loyola. 2007. (disponível em <http://ufba2011.com/Preconceito%20Linguistico.pdf>).

BUENO, Matheus; ORSI, Vivian. *Os palavrões e os dicionários: estudo contrastivo entre o português brasileiro e o italiano sobre itens tabus*. Revista Memento, v. 5, n. 2, p. 1-16. 2014. (disponível em <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/122666>)

CARDOSO, Miguel Esteves. *O Amor é Fodido*. Porto: Porto Editora. 2013. ISBN: 9789720045997

CARVALHO, José. G. Herculano de. *Teoria da Linguagem: natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*. Coimbra: Atlântida, Tomo 1: 3^a reimp. 1973.

CASSANY, Daniel; LUNA, Marta; SANZ, Glória. *Enseñar lengua*. 10.^a ed. Barcelona: Editorial Graó. 2005. ISBN 84-7827-100-7

COELHO, Adolfo. *Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão*. Congresso internacional dos orientalistas. Lisboa: Imprensa Nacional. 1892. (disponível em http://purl.pt/24588/4/hg-5926-a_PDF/hg-5926-a_PDF_24-C-R0150/hg-5926-a_0000_1-328_t24-C-R0150.pdf).

COSERIU, Eugenio. *O homem e a sua linguagem : estudos de teoria e metodologia linguística*. Rio de Janeiro: Presença. (Linguagem). 1982.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa. 1987.

ELIA, Sílvio. *Sociolinguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Padrão. 1987.

GOMES, Carlos. A. da Encarnação. *Subsídios da gíria : falar que no mar se entendem : a - z*. 1^a ed. Lisboa: Edições Culturais da Marinha. 2013.

HORAN, Geraldine. *'You taught me language; and my profit on't/Is, I know how to curse': cursing and swearing in foreign language learning*, *Language and Intercultural Communication*, 13:3, 283-297. 2013. (disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/14708477.2013.804533>)

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio. 2003. ISBN 85-03-00140-3

MARQUES, Isabel Simões; TELETIN, Andreea. *Quando os Portugueses se vêem Gregos ou a questão dos estereótipos culturais em expressões idiomáticas portuguesas e francesas*. Em: XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Textos seleccionados, Lisboa, pp.343-357. 2011. (disponível em http://www.apl.org.pt/docs/26-textos-seleccionados/Marques_Teletin.pdf)

MATEUS, Maria Helena Mira. *Variação e variedade: O caso do Português*. Ex Oriente lux. Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60 Geburtstag. 2002.

MATEUS, Maria Helena Mira. *A mudança da língua no tempo e no espaço*. Em: Mateus & Bacelar (orgs.) *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Editorial Caminho. 2005.

ORSI, Vivian; ZAVAGLIA, Claudia. *Itens lexicais tabus: usá-los ou não. Eis a questão*. *Revista Todas as Letras*, v. 14, n. 2, p. 156-166. 2012. (disponível em <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/122502>)

PINKER, Steven. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. Tradução de RAVAGNANI, Fernanda. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T.A. Queiroz. 1984.

SORNIG, Karl. *Lexical Innovation: A Study of Slang, Colloquialisms, and Casual Speech*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 1981

STEPHENS, Richard. *Swearing – the language of life and death*. The Psychologist, vol.26, pp. 650-653. 2013. (disponível em <https://thepsychologist.bps.org.uk/volume-26/edition-9/swearing-language-life-and-death>)

TEIXEIRA, José. *Globalização, novos cosmopolitismos e a anunciada morte das línguas*. Em: Colóquio de Outono – Novos Cosmopolitismos. Identidades Híbridas, 2004. Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, pp. 169-186. 2006. ISBN: 972-8063-46-6 (disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5867>).

TEIXEIRA, José. *Língua Portuguesa e as Novas Tecnologias de Comunicação: as dinâmicas da(s) escrita(s)*. Em: Diacrítica – Série Ciências da Linguagem, Nº 22.1, pp. 107-127, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. 2008. ISSN: 0807-8967. (disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8218>).

TEIXEIRA, José. *O gugar e os emeiles na mudança e sobrevivência das línguas*. Em: Revista Portuguesa de Humanidades - estudos linguísticos, 161 (2012), 197-214 Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Filosofia de Braga. 2013. (disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24406>).

Dicionários:

CASTELEIRO, João Malaca. (coord.). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Vols. I e II. Academia das Ciências de Lisboa/Lisboa: Editorial Verbo. 2001.

COSTA, Joaquim Almeida; MELO, Sampaio e A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 7.^a ed. Porto: Porto Editora. 1998.

CUNHA, António Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1992.

Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/calão>

Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/gíria>

Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/jargão>

Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/regionalismo>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível na Internet: <http://www.priberam.pt/dlpo/palavr%C3%A3o>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível na Internet: <http://www.priberam.pt/dlpo/puta>

FIGUEIREDO, Cândido de. *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*. Vols I e II. 25^a ed. Venda Nova: Bertrand Editora. 1996.

GUEDES, Fernando. (dir.). *Dicionário Verbo: língua portuguesa*. 1^a ed. Lisboa: Verbo. 2006.

HOUAISS, António. *Houaiss : dicionário do português atual*. Vols I e II. 1^a ed. [S.l.] : Círculo de Leitores. 2011.

LAPA, Albino. *Dicionário de calão*. Lisboa: [s.n.]. 1959.

MACHADO, José Pedro (coord). *Grande dicionário da língua portuguesa*. Vols I e III. Lisboa : Publicações Alfa. 1991.

NOBRE, Eduardo. *Dicionário de calão*. 1ª ed. Lisboa: Texto Editores. 2010.

PRAÇA, Afonso. *Novo dicionário de calão*. 3ª ed. Cruz Quebrada: Casa das Letras. 2005.

THORNE, Tony. *Dictionary of Contemporary Slang*. 3rd ed. London: A&C Black. 2007

Vários autores. *Heróis à moda do Porto*. Porto: Lugar da Palavra Editora. 2010.

Anexos

Anexo 1– Conto *Baby Dopada*

Baseado na Bela Adormecida, de Charles Perrault

Autoria de Anabela Silva e Daniela Fernandes

“*Há totil tempo* deu-se um acontecimento *bué da fixe* na Rua Manuel II, mais precisamente no Palácio de Cristal, na *cidade inbicta*.

Nasceu uma princesinha! Seus pais *ficaram na boa* com tamanha felicidade e decidiram chamar-lhe *Baby*.

Quando anunciaram o nascimento da princesa, todos os *tripeiros* correram para o palácio, onde festejaram com uma grande *rave*, sempre *a bombar* e, claro, com uma *bejeca* na mão.

No final da *night*, já estavam todos com uma *ganda moca* mas, pouco antes do final da *party*, foram anunciadas as três fadas *porreirinhas*. Na verdade, não passavam de três *lambisgoias* e, para piorar a cena, eram *fufas*...

De repente, eis que surge uma *penetra* no meio da *party*: era a bruxa, uma *pandorca* da Boavista, que tinha a mania de *lixar a malta*.

O que aconteceu foi que a *gaja* não foi convidada para a festa e, então, completamente *fula* com a *nega*, *passou-se dos carretos* e atçou um feitiço à *Baby*:

- Quando fizeres dezasseis anos, vais-te picar e *bater a caçoleta!*

Dito isto, *deu de frosques*. Assim mesmo, sem, sequer, dizer *água vai*. Houve, no entanto, quem jurasse a pés juntos que a fulana teria dito “vais-te picar e bater a caçoleta, água vai!”. Mas é pouco provável.

Porque ficaria completamente desenquadrado do contexto.

Certo, certo é que os anos foram passando e a *catraia* de dia para dia ficava mais jeitosa: um metro e noventa de altura, de tamancas, *seca como um pau*, *óculos fundo de garrafa* e com *altas rastas*, a real *gaja* transformara-se num verdadeiro *pitéu*, *de fazer crescer água na boca*. Deixemo-nos de eufemismos: por onde passava, *Baby* deixava os homens com uma *ganda tusa*, com a sua mini-saia a evidenciar o *fio dental*, top super-decotado e com os seus *ganda marmelos* quase de fora.

Um belo dia, andava a *Baby* a *cirandar* pelos jardins do palácio, local *muito à frente*, cheio de árvores, florzinhas e uns bichos *marados*.

A princesa andava a cantar, como uma *cana rachada*, acrescentando-se, quando se deparou junto do lago com um tipo que mais parecia um “*porco limposo*”, um *gajo* com 1,50

metro de altura, *gordo como um chibo*, calças de ganga rasgadas e descaídas, boxers à mostra, palito na boca e piercing no umbigo.

A Baby, *pitosga como o caneco*, apaixonou-se logo. Afinal, o amor é cego!

O *alto men* acercou-se e assim falou:

- *Ó Dama, a tua mãe só pode ser uma ostra para cuspir uma pérola como tu!*

Bute lá dar um giro?

- Ok, *vamos nessa!*

Os dois partiram para um recanto onde estiveram *horas a fio em plena marmelada*. O *limposo*, todo excitado, perguntou-lhe, naquela sua linguagem caramelizada:

- *Queres subir à minha palmeira e lamber-me os cocos?*

Mas a *chavala*, assustada, *deu de frosques...*

Quando chegou a casa, as três *lambisgoias* perguntaram-lhe o que tinha acontecido, tal era a sua aflição.

Envergonhada, Baby contou-lhes tudo, *tintin por tintin*. Que tinha conhecido a sua *cara-metade*, mas, acrescentou, ser sua opinião que ele estava *a ir com muita sede ao pote*.

Mas logo as três *lambisgoias* se aprontaram a dizer-lhe para *ir em frente*.

- Deixa de ser *morcona!* Vamos mas é tratar do *casório*, que já se faz tarde! Com dezasseis anos já está mais do que na hora para te *enforcares*.

Os dois *pombinhos* foram-se encontrando e, depois de muitos *amassos* e muitos kisses, decidiram marcar a data do *casório*.

Passados alguns meses, deu-se o grande acontecimento. Uma festa *bué da fixe* onde não faltavam *comes e bebes* e muita *ganza* à mistura.

Entre *copos e charros*, apareceu de novo a *penetra* da bruxa, para pôr em prática o seu plano.

A Baby olhou-a nos olhos e, sem saber porquê, ficou toda *endrominada* e com um comportamento estranho.

Dirigiu-se a uma *gangada* e disse:

- *Ó primaços*, passai para cá uma dose.

A *gaja*, toda *choné*, começou a *snifar* e, mais tarde, a *meter para a veia*, ficando toda *dopada*.

De repente, caiu redonda no chão, toda *escarrapachada*, assustando os presentes.

O *porco limposo* aprontou-se logo a sugar-lhe as veias.

A *choninhas* acordou e não largou mais o seu *chromo*. A maldição tinha-se consumado.

Depois da festa terminar, pegaram no seu carro tuning, *kitado* da suspensão à antena parabólica, e dirigiram-se para a rua Passos Manuel, nº 126 no Porto, onde decorreu a lua de mel.”

Anexo 2 – Textos dos comentários recolhidos na íntegra
(retirados das páginas de *Facebook* do *Correio da Manhã*, *Público*, *Diário de Notícias*,
Semanário Sol e Jornal de Notícias)

Caixas de comentários de notícias de jornais

Por extenso:

- Rui santos chupa-me os colhões
- ela em vez de pinocar, gravava os outros...
- Deverias ter trauma na tua cona fuck
- grandes filhos da puta!!! Agora processem-me
- Foda se afinal há dinheiro em Portugal!!!!
- E cá as pessoas k se fodam!
- Arranjem um emprego a sério cambada de putas
- Claro! Até o governo fode o ze povinho, Portugal é um atencio filme pornográfico
- Foda-se vai o wareztuga vai o piratebay tá a modes de bazar de portugal
- Mas esse dinheiro já foi comido por este chulos
- Nojento... Deve ser horrível de feio, gordo e fedorento pra comer e pagar por tanta puta assim.
- Já chega dessa merda!
- Estou-me a cagar para estes dois e para a coligação
- Parecem duas putas !
- Puta q os pariu.. se fosse eu nem piava..país mesmo de merda
- E quem vai auditar os calotes que este chulo deixou em Gaia?
- Metam a petição no cu. . Também fizeram petição para liberta o Sócrates e continua lá...
- Eu cortava-lhe a piroca.....
- Tudo putedo !
- E ninguém dá um tiro nos cornos destes filhos de puta..?? Sinceramente espero que daqui a uns dias saia no jornal que mataram um destes animais no jornal..
- Cobardes de merda!
- Gajo de colhões....
- Eh pá ! ! que fixe ! !
- Atirem merda as fuças deste cabrao

-Se fosse eu cortava lhe a gaita e dava a ao cao mais próximo

-So fazem merda... portugal é hoje um país privatizado....podiam privatizar o cu deles tambem.

-Qual è a pressa... Vamos demitir merda para eleger cagalhões...

-São Alemães caralho ninguém tem coragem para meter esta gente no lugar esta cambada de merda

-Recomeça os cus....

-És perfeita nas mamas e no cu

-Que se foda o futebol, há que votar nos mais pequenos, levar a escumalha política pra fora

-Esses filhos da puta que roubaram o país até não poderem mais é que deviam pagar depois fuzilados

-Cabrões dos russos.

-Passos mentiroso, vai para a puta que te pariu, chulo de merda, ladrão!

-Bom tempo, bons cus, gajas boas –parabéns ao fotografo

-O povo portuges gosta de ser fodido

-Prémio Novo Banco? Arre caralho!

-Es muito Palhaço cabrao

-Parolo do caralho?

-Cabroes de merda

-Tu espera e uma grande merda ja fodeste portugal o teu partido essa merda corruptos vai te e foder costa

-Tudo a saltar! A grande puta que os pariu!!! Méééé

-Que filho da puta

-Pena as pessoas não mandarem em massaa PT se foder. .

-Puta de otario esse cabrao..mentalidade tuga..Estes patrões Deviam acabar tesos e morrer de fome..mas a culpa é. Dos tugas. Que só vêm PSD PS e cds

-Mais um filho da puta que vem explorar os Portugas.

-Quem é essa putita?

-Que grande puta... La esta mais uma com um canudo. Enquanto uma auxiliar ganha uma merda para o trabalho que faz...

-Puta do caralho fizesses isso ao meu filho matava te cabra da merda.. partia te os pulsos.. amarrava a puta dessa língua a um comboio e ias de arrastão vaca... matava te..

-Vão para a puta que os pariu, cambada de ladrões.

- Caguei nesta merda e em tudo o que é chutobol
- Este chulo de merda! Falta a vaca da Manela a berrar.
- Cá não mostram as mamas mas fodem-nos todos os dias.
- Sempre a foder o pobre.
- Não há peidas para ver hoje?

Técnicas de representação do calão escrito

Letra e asterisco: o símbolo (*) corresponde às letras em falta

- Só m****.... !!!
- A chamada f*** explosiva...
- Mais um estudo de mer**
- Tá explicado então o governo bem nos f***
- Cag* para a justiça quando lhe convém, agora que não convém que vá cag*r.
- Odeio pessoas que fazem mal aos animais. Morte a esse filho da P*ta, não merece a vida que tem.
- Grande filha da p*ta
- Eu to na casa de banho a c*g** a lamentar me por isso.
- Continua a mesma m**da
- 4 anitos e está cá fora, o que está debaixo de terra é que se f**eu.
- Azar do cara**o. Nao ter sido meia dúzia deles.. bandido bom é bandido morto
- Neste mundo de m****, chora-se mais a morte de um animal que a de uma criança, hipócritas. E sim, deveria ser abatido porque pode reincidir.
- Faz muito bem. Ao menos pagam-lhe. Muitas portuguesas dão fod** grátis e ainda pensam que eles gostam delas.
- Grande p***
- Que grande filha da put*!
- Costa promete o cara***!
- O Sr. MP devia cag**, sim cag**, no penico e em seguida limpar o c* ao A.Pereira...fim da história.
- F***-se! Pelo andar da carruagem, lá para o Natal são 10 mil!
- Diz o artigo 'proposta' da CE ou queriam dizer 'imposição' da CE! ? A Europa está f*****!!!

-Ide todos para o c*****!

-“Embora nalgumas salas ainda se consiga lugar vago” ???! Que m**** é esta ?!?!

Iniciais por expressão

-Em lógica, para deixar de sentir as dores do corpo há que provocar uma dor ainda maior, as queimaduras!!! PQP!!!

-Pena morte para este f.d.p., talvez na cadeia lhe tratem da saúde

-FDP!

-Este fdp, e se for preciso escrevo em letras grandes o significado das iniciais, até com o diabo fazia coligação só pra ter tacho, anda aqui a ladrar...grande pulha, grande fdp que se vejo na passadeira passo-te por cima

-Tudo uma cambada de fdp

-Fdp....

-Ganda vaca f.d.p

-Que grande F.D.P tens que os meter em tua casa

-este cara de bebado, fdp, ladrão devia calar o focinho, gatunos

-PQP 1º comentário é meu, que euforiaaah...

Paronímia fónica

-Fonix que injustiça!! Só dão lucro aqueles que menos precisam, enfim!!

-Seus grandes filhos da fruta para não dizer uma coisa feia quem cortou nas pensões foram vocês cotaram nos abonos e ainda vem criticar tenham cá uma lata ganhado vergonha e estais calados que fazeis melhor figura inde dar uma volta nos subemarios

-Parabénsssssss!!!! Biba ó porto, carago... eheheh!!!!!!

-Fogo!!!! Andei Uma vez e jurei que nunca mais. . .

-Que palhaço, fonix! Haja paciência...

-Ou não fossem do Norte, carago.

-Filha de grande pata... devias de morrer num tanque de água a ferver pra veres o que é bom ...

-Da minha parte. Vai pó carvalho....

-Fanáticos do carvalho...sou Benfiquista mas Victória mais que merecida dos lagartos.. lutaram e mereceram

-Cum Catana! Puta de estudo do caraças!

Símbolo = letra: os caracteres "substituem" as letras

-Filhos da p#\$@... que morram da mesma forma...

-Quarta-feira parece que vou trabalhar com a boca toda fod#\$& ...

-O que o chulo Passos quer é que continue tudo a mesma merd@...

-C@br@0 dum raio....

-Fod#se os jogadores do Benfica estavam con medo destas bestas maicon es um ninja ou que.. 1904

-O Ronaldo que se fod@... foi o que a Irina pensou. ..

-Put# que os pariu!!! Levem o dinheiro e eles!

-Sempre ouvi dizer “p#ta k é p#ta nao gosta k lhe chamem p#ta” xD

-Ora fod@-se...animais...assim de repente nao me vem nenhuma á ideia...tubaralho

-Vende essa merd& !!! Ainda hoje estive 2 horas á espera de um avião da TAP!!

Uma sílaba pela palavra

-Filho de uma pu.. outro drogado como o filho

-As pu*** devem tar ricas

-ENTÃO AS PU----- ESTÃO BILIONÁRIAS

-Filho de uma grande Pu.....maldito tirou a vida a 3 pessoas por um animal e mais a um jovem de 25 anos, na flor da idade e a exercer suas funções isso não se faz covarde maldito que apodreças

Reforço de palavra

-Filho de uma grande Pu.....ta.....fora a mamãe ke não tem culpa assassino.....prisão perpétua.....

-Grande verdade quem não fod ...de é fodi....do. ...dai temos que fo. ...der. ..

-Viva o Porto caralhoouooooooooo

-Filho de umma grande PUTA!

-Senhor vitor sabino VA-SE FODER

-Grande filho da PUTAAAAAAA!!!!!!

- Mais um GRANDE CHULO que nao quer sair da mama.
- Mas o que é que este FILHO DA PUTAAAA merecia CARALHOOOO
- Vais com a PUTA QUE TE PARIU ,seu granda BOI chulo e vigarista.
- TODOS PRO CARALHO!
- O CHULO a ver o desgraçado a trabalhar..
- Perdoem o desabafo FODASSEEEEE JA CHEGA!
- Burro Da MERDA
- VAI-TE EMBORA Ó BOI, FILHO DA PUTA, VIGARISTA, CHULO
- MAS QUEM É ESTE FILHO DA PUTA PARA FALAR ESSES CABRAO, LADRÃO, GATUNO? ? ? ?

A palavra quase na totalidade

- Eu unica e simplesmente nao vou votar! Se fosse escreveria apenas,,,,,vao se f,,,der!
- Eu não paguei, nem pago um cêntimo para esses cabrões, filhos da put...
- Filhos da p...esta lhes no sangue o Veneno.
- O KITT é fddo...
- É verdade... O que significa que estamos fodid....
- Arruaceiros filhos da p....
- A azia é fodi.....
- Ohhh Portão vai gozar pro ca.....r.....lho!!!
- Andam com as crianças a servir de bandeira, homens sem coração. Cabr.....
- Q grande pta!
- Tadinhos!!!!!! O Maxi agora é o passos coelho do desporto. Pó cara....o
- Filho d p_t_..
- Está tudo fddo, lá se vai a credibilidade da VW e a nossa Auto-Europa
- Enfim, dor de cotovelo e fodid.
- Coitado, deve sofrer pra caralh.... !!!!!

Caixa de comentários no Youtube – vídeos de música

-Esta é daquelas musicas em que um gajo diz: "Fds meu fazem se boas musicas em Portugal e em Portugues"... (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=-aOhr7einEg>)

-Curtia este som pa crl quando era xavalo (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=BIVNpuaA14A>)

-Que merda é esta ? es pior que a fanny ou o crl (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ckoC0IRJbbE>)

-Fosga-se pah.. estes gajos so nao acertam no euromilhoes... (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=o4Q8R7RbbR8>)

-Que fdp de som moço!!!!!! O CLÁSSICO DOS CLÁSSICOS!!! (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=5BKqMQmF6z0>)

-Deixem-se de m*rdas e aproveitem o que têm .. ergam é as mãos por terem nascido numa altura em que ainda se fazia música a valer :) (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uphw6imnYZw>)

-Que p**a de letra!!!!!!!!!! bom :D (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uphw6imnYZw>)

-Fds quero os meus [3:20](#) minutos de volta. que mrd de musicas que o ppl anda a fazer (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=TWxCQXLQSh0>)

-Boa mensagem...pena que nao canta um crlh (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=o3NqdvmLlqA>)

-PQP Que degredo. não ha imaginação copiamos a cultura de outros povos, (retirado do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=_Tt19PF0CO4)

-Norte caralh* <3 (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=UH8FXh-RMdQ>)

-Do carago.... muito bom... choro... (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=8v8YXh22aNA>)

-Haters do caralho, parem com os comentários negativos e curtam o som fds! (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=vRHLGJm04og>)

-Quem é a gaja? Porra é boaaaa xD (retirado do vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=...](#))

<https://www.youtube.com/watch?v=vRHLGJm04og>)

-Que filha da puta de trampa com 30 anos tens a maturidade intelectual de um chavalito de 12, parabéns falhaste na vida (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=XOhGD8mDzKM>)

-Metem um preto e uma puta a roçarem-se e fazem um vídeo, mas que boa merda (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=XOhGD8mDzKM>)

-Fodaxxx ganda som !!! GAnda Carlão!!! (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Giw6XZUIrbo>)

-Quando esta merda passa nas discotecas o pessoal fica todo cego! puta de som! 2015 e ainda bate! (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=5mTIDd8huy4>)

-Esta merda bate bues na discoteca (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=5mTIDd8huy4>)

-FODASSSSEEE TOU A FICAR KOTA!!! Eheheheh (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=5BKqMQmF6z0>)

-Porra!!! SOL MUSICA!!! CUM CARALHO!!! OLD SCHOOL!!! (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=5BKqMQmF6z0>)

-FODA-SE!!!!!!!!!! :O brutaaaaaaaaaaaaaal, estou mesmo chocada, essa dama parte tudo meu deus!!!!!!!! (retirado do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=L46cXiG_JhA)

-Putá que pariu o que é esta merda? É uma vergonha só de pensar que esta música está sempre a passar na rádio e é só mesmo para vender. O Pacman esteve muito abaixo nesta música daquilo a que nos habituou. Já para não falar do refrão... Dá-me vomitos. (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=TWxCQXLQSh0>)

-Carla para aqui carla para ali, e eu fds este artista está a evoluir para caralho e quando vou a ver é o PACMAN fds Bem vindo de volta (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Giw6XZUIrbo>)

-MUNDO SEGUNDO CARALHO !! (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=hUr3BX-8o98>)

-Caralho adoro esta letra parabéns quatel 469 esta letra tem tudo tudo a ver com a minha ideologia caralhoouo cutooo bueeeeeee (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=UH8FXh-RMdQ>)

-Chavalito se não gostas do norte poe-te no caralho, mouro de merda (retirado do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=hUr3BX-8o98>)

<https://www.youtube.com/watch?v=teKOeDNLoUY>)

-Eu tou-me a cagar pa Norte, Sul, Este, Oeste ou conotações da música ao futebol. Tou aqui pelos GNR. (retirado do vídeo:
<https://www.youtube.com/watch?v=teKOeDNLoUY>)

-Mesmo* , a sério, Foda-se* mas tirando a parte esses erros ya foda-se e sempre a mesma merda xD mas mesmo assim bela musica esta xD (retirado do vídeo:
<https://www.youtube.com/watch?v=4QDrLKp-GBM>)

-Epa, este pessoal agora só sabe criticar .. Fodasse ... Tou ctg, queria ver vos a fazer melhor .. Fogo. ROYALISTICK é Hip Hop man , nao curtes ? Baza, i vai ouvir mc's rascas da tua zona ;) (retirado do vídeo:
<https://www.youtube.com/watch?v=Az1n4F3mxUg>)

-Porra damas boas :\$ (retirado do vídeo:
<https://www.youtube.com/watch?v=BUbL5tVXc00>)

Anexo 3 – Inquérito alunos nativos



Este Inquérito destina-se a um estudo a fazer no *Mestrado em Português Língua Não Materna* da Universidade do Minho intitulado “O calão no Português Europeu: tendências e utilizações” e é sobre o uso de algumas palavras do português.

A sua resposta sincera é fundamental e em muito ajudará o meu estudo.

Idade _____ [] M [] F []

(1ª) Língua materna _____.

A seguir serão apresentadas palavras e/ou expressões encontradas em obras literárias portuguesas e nas redes sociais/internet que podem ser consideradas, por vezes, “muito fortes”, “feias”, “palavras obscenas” ou “quase proibidas de serem usadas em público”. Diga se considera a palavra:

- 1- **Muito forte**, nunca usaria em público;
- 2- **Bastante forte**, só usaria numa situação muito especial, de grande discussão ou emoção;
- 3- **Palavra “forte”**: poderia usar num contexto informal, com amigos;
- 4- **Palavra normal**, posso usar sem dificuldade ou vergonha social.

Diga se conhece as seguintes palavras ou expressões e indique o que significa, caso conheça:

Maminhas

[] conheço [] não conheço

Significa: _____

[] 1-Muito forte; [] 2- Bastante forte; [] 3- Palavra “forte”; [] 4- Palavra normal

Foda-se

[] conheço [] não conheço

Significa: _____

[] 1-Muito forte; [] 2- Bastante forte; [] 3- Palavra “forte”; [] 4- Palavra normal

Filho(s) da puta

[] conheço [] não conheço

Significa: _____

[] 1-Muito forte; [] 2- Bastante forte; [] 3- Palavra “forte”; [] 4- Palavra normal

Merda

[] conheço [] não conheço

Significa: _____

[] 1-Muito forte; [] 2- Bastante forte; [] 3- Palavra “forte”; [] 4- Palavra normal

Cabrão

[] conheço [] não conheço

Significa: _____

[] 1-Muito forte; [] 2- Bastante forte; [] 3- Palavra “forte”; [] 4- Palavra normal

Caralho

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Chulo

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Gajo/a

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Cagar/Estar-se a cagar para...

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Porra

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Foder

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Putá que pariu

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Anexo 4 – Inquérito alunos estrangeiros



Este Inquérito destina-se a um estudo a fazer no *Mestrado em Português Língua Não Materna* da Universidade do Minho intitulado “O calão no Português Europeu: tendências e utilizações” e é sobre o uso de algumas palavras do português.

A sua resposta sincera é fundamental e em muito ajudará o meu estudo.

Idade _____ [] M [] F []

(1ª) Língua materna _____.

Durante quantos anos estudou português _____.

Número de anos em que está em Portugal: _____.

A seguir serão apresentadas palavras e/ou expressões encontradas em obras literárias portuguesas e nas redes sociais/internet que podem ser consideradas, por vezes, “muito fortes”, “feias”, “palavras obscenas” ou “quase proibidas de serem usadas em público”. Diga se considera a palavra:

1- **Muito forte**, nunca usaria em público;

2- **Bastante forte**, só usaria numa situação muito especial, de grande discussão ou emoção;

3- **Palavra “forte”**: poderia usar num contexto informal, com amigos;

4- **Palavra normal**, posso usar sem dificuldade ou vergonha social.

Diga se conhece as seguintes palavras ou expressões e indique o que significa, caso conheça:

Maminhas

[] conheço [] não conheço

Significa: _____

[] 1-Muito forte; [] 2- Bastante forte; [] 3- Palavra “forte”; [] 4- Palavra normal

Foda-se

[] conheço [] não conheço

Significa: _____

[] 1-Muito forte; [] 2- Bastante forte; [] 3- Palavra “forte”; [] 4- Palavra normal

Filho(s) da puta

[] conheço [] não conheço

Significa: _____

[] 1-Muito forte; [] 2- Bastante forte; [] 3- Palavra “forte”; [] 4- Palavra normal

Merda

[] conheço [] não conheço

Significa: _____

[] 1-Muito forte; [] 2- Bastante forte; [] 3- Palavra “forte”; [] 4- Palavra normal

Cabrão

[] conheço [] não conheço

Significa: _____

[] 1-Muito forte; [] 2- Bastante forte; [] 3- Palavra “forte”; [] 4- Palavra normal

Caralho

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Chulo

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Gajo/a

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Cagar/Estar-se a cagar para...

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Porra

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Foder

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Putá que pariu

conheço não conheço

Significa: _____

1-Muito forte; 2- Bastante forte; 3- Palavra “forte”; 4- Palavra normal

Anexo 5- Total idade – nativos

18 anos	7 alunos
19 anos	10 alunos
20 anos	10 alunos
21 anos	5 alunos
22 anos	19 alunos
23 anos	12 alunos
24 anos	3 alunos
26 anos	1 aluno
28 anos	2 alunos
29 anos	1 aluno
38 anos	1 aluno

Anexo 6- Total idade – estrangeiros

19 anos	3 alunos
20 anos	11 alunos
21 anos	10 alunos
22 anos	7 alunos
23 anos	10 alunos
24 anos	9 alunos
25 anos	4 alunos
26 anos	2 alunos
27 anos	2 alunos
28 anos	2 alunos
29 anos	2 alunos
30 anos	2 alunos
32 anos	2 alunos
37 anos	1 aluno
38 anos	1 aluno
47 anos	1 aluno
49 anos	1 aluno
50 anos	1 aluno
51 anos	1 aluno
62 anos	1 aluno
65 anos	1 aluno

Nota:NR dois inquiridos.